

OS LUSÍADAS

de Luís de Camões

Adaptação teatral de José Rubens Siqueira

1

FANTASMAGORIA

Apagam-se as luzes.

Imperceptivelmente, uma vibração subgrave vai subindo.

Imperceptivelmente, todo o espaço se enche de estrelas.

Tetos, paredes, o próprio público transformados em um grande planetário.

No centro do espaço, um foco muito estreito, vertical, ilumina a figura do Poeta Camões.

Forte, mas alquebrado, o rosto voltado para o alto, os olhos fechados, as roupas rotas de batalhas da guerra e da vida manchadas de poeira.

Subitamente, explode um forte coro masculino:

CORO MASCULINO - (*canta*)

Faz-te mercê, poeta, a Sapiência Suprema
de, cos olhos corporais,
veres o que não pode a vã ciência
dos errados e míseros mortais.

Enquanto se ouve o coro, o lugar de onde brota o foco de luz também se acende:

é um grande globo azul, que azula a escuridão sem escurecer as estrelas.

A ninfa Tétis (ou uma projeção de vídeo de sua imagem) vem voando sobre a platéia e toca o globo azul.

O globo se acende e dentro dele surge a Máquina Ptolomaica em movimento:

as sete esferas celestes dos planetas conhecidos na época de Camões,

Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio e Lua,

as esferas das estrelas fixas e móveis,

o cinturão do Zodíaco com os signos, etc.

TÉTIS - (*canta, solo*)

Vês aqui a grande máquina do Mundo,
etérea e elemental,
que fabricada assim foi do Saber,
alto e profundo,
que é sem princípio e meta limitada.

Ela voa num grande círculo pelo espaço de estrelas.

Quem cerca em derredor este rotundo globo

e sua superfície tão limada,

é Deus.

Mas o que é Deus, ninguém o entende,

que a tanto o engenho humano não se estende.

O Coro masculino canta os dois últimos versos, ao fundo:

CORO - Mas o que é Deus, ninguém o entende,
que a tanto o engenho humano não se estende. (*bis*)

Voando, Tétis indica o globo azul.

TÉTIS - (*fala, sobre o coro*) Debaixo deste círculo onde as brandas almas divinas gozam, que não anda, outro corre, tão leve e tão ligeiro que não se enxerga: é o móbile primeiro.

Ela circula pelo céu e paira acima de Camões.

TÉTIS - Debaixo deste grande firmamento, vês o céu de Saturno, deus antigo;

(*o deus Saturno desce do céu, ou sua imagem surge, projetada*)

Júpiter logo faz o movimento

(*Júpiter surge*),

e Marte abaixo, bélico inimigo

(*surge Marte*);

o claro Olho do céu, no quarto assento

(*surge o Sol*),

e Vênus, que os amores traz consigo

(*Vênus surge*);

Mercúrio, de eloqüência soberana

(*surge Mercúrio*);

com três rostos, debaixo vai Diana (*acende-se a Lua*).

No ar, suspenso (ou projetado por todo espaço em imagens gravadas em vídeo), formou-se o concílio dos deuses, que reproduz a ordem dos planetas de dentro do globo azul.

Ao longe, no chão, no fundo do espaço, semi-ocultas por cortinas transparentes, banhadas em luz trêmula, titubeante, vêem-se figuras indistintas, fantasmagóricas, memórias, que aos poucos vão ganhando nitidez.

Essas imagens dão corpo ao que os deuses dizem, formando cenas que surgem e se extinguem em diversos pontos do espaço.

A cada episódio, desdobra-se do alto uma grande bandeira.

Os deuses cantam para o Poeta, em tom de comando.

Ao longo de toda a cena, Camões vai se elevando do chão, suspenso por cabos invisíveis.

JÚPITER - Eis aqui,
quase cume da cabeça da Europa toda,
o reino lusitano,
onde a terra se acaba e o mar começa.

*Passa ao longe o espectro de um jovem grego, quase nu, lança de guerra na mão.
E desaparece.*

SOL - Este que vês é Luso.
Por sua fama,
vosso reino Lusitânia se chama.

SATURNO - Era filho de Baco.

Baco passa ao lado do Poeta, andando sobre o chão. Tem os cabelos do corpo e da cabeça vermelhos. Não ruivos: vermelhos como sangue.

Enquanto fala, ele sobe por uma corda para ir juntar-se aos outros deuses suspensos no céu (ou se dissolver na projeção por um efeito de luz).

BACO - Um filho humano.
No Douro deu aos já cansados ossos,
eterna sepultura e nome aos vossos.

Atrás dos véus, semi-visível, uma fila de jovens vestidos em rústicas armaduras do início da Idade Média avança lentamente, como se estivesse debaixo da água.

Portam alabardas, estandartes, lanças, chuços, etc.

MARTE - Um rei,
por nome Afonso,
houve na Espanha,
que fez aos sarracenos tanta guerra,
que por armas sanguinas, força e manha,
a muitos fez perder a vida e a terra.
Muitos, para na guerra esclarecer-se,
vinham a ele e à morte oferecer-se.

*Da fila, destaca-se um jovem, sobre o qual se acende um foco fosco.
As outras figuras desaparecem.*

SATURNO - Destes,
Henrique,
dizem que segundo filho de um rei da Hungria,
foi brindado com Portugal.

*No foco, entra uma mulher muito jovem, com roupas medievais.
Os dois posam para um retrato.*

VÊNUS - Mostrando amor profundo,
quis o rei castelhano,
que casado com Teresa, sua filha,
Henrique fosse.

MERCÚRIO -E com ela das terras tornou posse.

*O foco se apaga, os espectros desaparecem.
Desdobra-se do alto uma bandeira que fica visível, marcando um reinado na história portuguesa.*

SATURNO - Deu-lhe o supremo Deus,
em tempo breve,
um filho,
que ilustrasse o nome ufano do belicoso reino lusitano.

DIANA - Quando chegado ao fim de sua idade,
o espírito deu a quem lhe tinha dado,
ficando o filho em tenra mocidade.

Surge o fantasma de um jovem príncipe em armadura reluzente, grande espada na mão.

MARTE - Mas já o príncipe Afonso aparelhava
o lusitano exército ditoso
contra o mouro que as terras habitava
d'além do claro Tejo deleitoso.

Surge o fantasma de um sarraceno, alfanje na mão.

SOL - Em nenhuma outra coisa confiado,
senão no sumo Deus,
que o céu regia,
que tão pouco era o povo batizado,
que para um só cem mouros haveria.

Atrás do sarraceno, a luz mortiça revela um grupo de dez outros mouros iguais a ele.

Fragor de batalha.

Com gestos lentos, o príncipe cristão gira no ar a espada e ataca o mouro.

Os sarracenos todos levantam os alfanges em posição de ataque.

A cena congela e vai se apagando muito lentamente.

VOZES DISTANTES - (*repetem, em recitativo*)

Real, real, por Afonso alto rei de Portugal!

CAMÕES - (*murmura junto, relembrando as palavras*)

Real, real, por Afonso alto rei de Portugal! Real, real...

MERCÚRIO - Já fica vencedor o lusitano,

recolhendo os troféus e presa rica;

desbaratado e roto o mouro hispano.

Só então acaba de apagar a luz sobre os combatentes, mas resta um foco sobre o príncipe Afonso, que continua apagando muito lentamente.

SOL - De tamanhas vitórias triunfava o rei Afonso,
príncipe subido,
quando, quem tudo enfim vencendo andava,
da larga e muita idade foi vencido.

VÊNUS - Os altos promontórios o choraram,
e as águas dos rios mui saudosas...
Pr'a sempre no seu reino chamarão...

Acaba de se apagar o foco sobre o príncipe Afonso.

VOZES DISTANTES - (*cantam*) Afonso! Afonso!

DIANA - Os ecos...

VOZES DISTANTES - (*cantam*) Afonso! Afonso!

CAMÕES - (*chama junto, murmurando*)

Afonso! Afonso!

VÊNUS - ... mas em vão.

VOZES DISTANTES - (*cantam*) Afonso! Afonso! Afonso!

Desdobra-se do alto uma bandeira, marcando o fim de outro reinado.

MARTE - Sancho, forte mancebo,
que ficou imitando seu pai na valentia,
o islâmico poder desbaratou.
Co'a germânica armada
que luzia armas fortes e gente apercebida,
foi recobrar a Judéia perdida.

Ao longo da fala, a luz difusa revela ao longe, montada em atores-cavalos, uma companhia de brancos Cruzados marchando para Jerusalém, o rei Sancho isolado dos outros no meio da fila.

SATURNO - Dentre tantas palmas
arrebatado pela temível morte,
fica herdeiro um filho seu,
de todos estimado,

que foi segundo Afonso,
e rei terceiro.

*Apaga-se a luz da fila de cruzados.
Desdobra-se do alto uma bandeira.*

MERCÚRIO -Morto depois Afonso,
lhe sucede Sancho segundo,
manso e descuidado.

Desdobra-se do alto uma bandeira.

SOL - E quando desta vida se despede,
fica o irmão, Afonso, o Bravo, chamado.

*Desdobram-se do alto duas bandeiras, com um pequeno descompasso entre as duas..
Cruzam o espaço nebulosos operários carregando os materiais com que constroem num extremo
do espaço cênico um estrado e sobre ele um alto trono dourado.*

VÊNUS - Eis depois vem Dinis, e o reino floresce:
constituições, leis e costumes,
na terra já tranqüila claros lumes.

MERCÚRIO -Nobres vilas de novo edificou,
fortalezas, castelos mui seguros,
e quase o reino todo reformou
com edifícios grandes, e altos muros.

Desdobra-se do alto uma bandeira.

SATURNO - Ficou-lhe o filho pouco obediente,
quarto Afonso, mas forte e excelente.

*Aos operários fantasmagóricos que vão se retirando, misturam-se espectros de soldados, de
sarracenos, em mansa correria.*

Lutam com espadas, silenciosamente, em duplas e trios.

Um dos lutadores é o príncipe Pedro.

MARTE - Mas eis que entrando os mouros em Castela,
foi o soberbo Afonso a socorrê-la.

Apaga-se a luz sobre a batalha, lentamente. Os soldados e mouros desaparecem.

VÊNUS - Passada essa tão próspera vitória,
tornando Afonso à lusitana terra,
o caso triste, e dino da memória,
aconteceu
da mísera e mesquinha
que depois de ser morta foi rainha.

Uma procissão de velas acesas sai em dupla fila da bruma do fundo e atravessa lentamente o espaço.

Passará de ambos os lados do Poeta que, trêmulo, em emocionada concentração, mantém os olhos sempre fechados, sempre subindo da terra para o céu.

CORO MASCULINO - (*canta*)

Tu só, tu, puro Amor, com força crua,
que os corações humanos tanto obriga,
deste causa à molesta morte sua,
como se fora pérfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
nem com lágrimas tristes se mitiga,
é porque queres, áspero e tirano,
tuas aras banhar em sangue humano.

O rei D. Afonso, velho, surge ao fundo, meditando, muito preocupado.

AFONSO - (*recitativo, sobre o coro*) Outras belas senhoras e princesas o príncipe meu filho,
Pedro, enjeita, que tudo enfim, tu, puro amor, desprezas, quando um gesto suave te
sujeita. Tirar Inês ao mundo, esta é a sina, por me tirar meu filho que tem preso, pois
só o sangue dessa morte indina mata do firme amor o fogo aceso.

Entram dois homens puxando Inês pelos braços e jogam-na aos pés do rei.

INÊS - *(canta, com o coro)*
 Ó tu,
 que tens de humano o gesto e o peito,
 se de humano é matar uma donzela
 fraca e sem força,
 só por ter sujeito o coração a quem soube vencê-la.
 E se,
 vencendo a moura resistência,
 a morte sabes dar com fogo e ferro,
 sabe também dar vida com clemência
 a quem para perdê-la não fez erro.
 Põe-me onde se use toda a feridade,
 entre leões e tigres,
 e verei se neles achar posso a piedade
 que entre peitos humanos não achei.

O rei hesita, desvia o rosto.

Os algozes levantam os braços com os punhais.

Na bruma ao longe, uma luz revela, no mesmo ponto onde havia aparecido antes, Pedro, sozinho, ainda girando a espada, em luta.

INÊS - *(murmura)* Pedro, Pedro, Pedro, Pedro, Pedro....

Os algozes cravam os punhais no peito da jovem.

O rei faz um gesto atrasado para impedir e deixa pender os braços e a cabeça.

Inês é morta.

Apaga-se a luz sobre Pedro.

O rei empurra os algozes, saem os três.

Desdobra-se do alto uma bandeira.

Quatro pagens colocam Inês sobre um esquife.

Levantam-na sobre os ombros e conduzem o esquife por entre as lentas filas de velas acesas.

Passam por baixo do Poeta que já flutua a quase dois metros do chão, entre o céu e a terra.

CAMÕES - *(canta, relutante, torturado, imerso na emoção da memória)*

Estavas, linda Inês, posta em sossego,
de teus anos colhendo doce fruto,
naquele engano da alma, ledo e cego,
que a fortuna não deixa durar muito,
nos saudosos campos do Mondego,
de teus formosos olhos nunca enxuto,
aos montes ensinando e às ervinhas
o nome que no peito escrito tinhas.

CORO - *(muito baixo, sussurra, como um vento)*

Pedro, Pedro, Pedro, Pedro....

No extremo oposto do espaço, Pedro, agora com a coroa de rei, desfeito em desespero, recebe o corpo de Inês e o deposita no trono que foi armado há pouco.

Pedro faz um gesto imperioso: os dois algozes são trazidos à sua presença pelo meio da procissão de velas.

Enquanto eles vêm vindo, Pedro tira da cabeça a coroa e coloca sobre a cabeça de Inês.

Toda a fila de condutores de velas, se ajoelha aos pés de Inês e beija a mão da morta.

Ao chegarem os algozes, Pedro ordena com um gesto e a multidão engole os dois, que gritam.

Com grande alarido, a multidão retira de cena os corpos.

JÚPITER - Que furor consentiu que
a espada fina,
que pôde sustentar o grande peso do
furor mouro,
fosse alevantada contra uma
fraca dama delicada?

O coro de vozerio vai sendo dominado pelo ruído do vento.

Desdobra-se do alto uma bandeira.

No espaço escuro, apenas o Poeta flutua na sua estreita coluna de luz entre céu e terra, em meio aos deuses no céu.

SATURNO - Do justo e duro Pedro nasce o brando,

vede da natureza o desconcerto!

DIANA - Remisso, e sem cuidado algum, Fernando, que todo o reino pôs em muito aperto.

MARTE - Pois vindo o rei de Espanha devastando as terras sem defesa, esteve perto de destruir-se o reino totalmente.

BACO - Que um fraco rei faz fraca a forte gente.

Desdobra-se do alto uma bandeira.

O som do vento cede, aos poucos, ao marulho do mar manso a bater na costa.

MERCÚRIO -Porque,

se muito os lusos desejaram
quem os danos e ofensas vá vingando,
depois de pouco tempo o alcançaram:
João,
sempre ilustre,
alevantando por Rei,
como de Pedro único herdeiro
(ainda que bastardo) verdadeiro.

Na bruma ao longe, muito ao longe, passam pequenas velas de caravelas.

MARTE - Não tendo ele a quem vencer na terra,
vai cometer as ondas do oceano.
Este é o primeiro rei que se desterra da pátria,
por fazer que o africano conheça,
pelas armas,
quanto excede a lei de Cristo à lei de Mahamede.

Apagam-se as caravelas.

Desdobra-se do alto uma bandeira.

Imperceptivelmente, a vibração subgrave do início vai aos poucos soando outra vez.

Sobre ela, num crescendo quase não notável, o coro canta, a bocca chiusa, fazendo crescer a tensão.

Suspensão no ar, o Poeta vibra o corpo inteiro com o som.

DIANA - Do rei Duarte não foi tão ditoso
o tempo que ficou na suma alteza.

Desdobra-se do alto uma bandeira.

SATURNO - Assim vou alternando, ponderoso,
o bem com mal, o gosto co'a tristeza.

CAMÕES - (*remoto, fechado em si mesmo, fala mais forte que o canto dos deuses*)
Quem viu sempre um estado deleitoso?
Ou quem viu em fortuna haver firmeza?

O coro cresce um pouco mais.

VÊNUS - Afonso, do reino único herdeiro,
tornou em baixa e humílima miséria
a grã soberba do bárbaro fronteiro.
Se não quisera ir ver a terra ibéria,
fora por certo invicto cavaleiro.

Cresce o coro. Camões freme.

DIANA - Porém depois que a escura noite eterna
Afonso aposentou no céu sereno,
o príncipe, que o reino então governa,
foi João segundo e rei trezeno.

Desdobra-se do alto uma bandeira.

BACO - Este,
por haver fama sempiterna,
mais do que tentar pode homem terreno,
tentou,
que foi buscar da roxa aurora
os términos, que eu busquei outrora.

Desdobra-se do alto uma bandeira.

VÊNUS - Manuel,
 que a João sucedeu no reino
 e nos altivos pensamentos,
 logo,
 como tomou do reino o cargo,
 tomou mais a conquista do mar largo.

O coro soa forte, vibrando, preparando uma expansão.

JÚPITER - Essa pequena casa lusitana
 na África tem marítimos assentos,
 é na Ásia mais que todas soberana.
 Vejamos, no entanto, que acontece
 àqueles famosos navegantes.

O coro faz vibrar o espaço todo e as gentes, como se o universo fosse se abrir.

As catorze bandeiras pendem são transportadas por manipuladores invisíveis, estalando pelo ar.

Formam um círculo debaixo do Poeta, manipuladas com grande vigor, fazendo o pano soar forte.

E giram, giram, giram, enquanto o Poeta estremece, lutando contra o seu destino.

CAMÕES - *(muito grave e forte, num grito interno e decidido)*

Basta!

(abre os olhos, um cego, o outro aceso e rende-se ao seu fado)

Eu canto!

O coro cessa, staccato.

O círculo de bandeiras se abre, as bandeiras flamulando ruidosas uma para cada lado, até saírem.

O Poeta despenca para o chão.

Desaparecem os deuses.

Apagam-se o globo azul e as estrelas.

O foco do Poeta fica mais difuso e vago.

CAMÕES - *(abre os braços e olha o céu escuro; entre trêmulo e forte, grita)*

Aqui, minha Calíope, te invoco neste trabalho extremo, por que em pago me tornes do que escrevo, e em vão pretendo o gosto de escrever, que vou perdendo.

(pousa um joelho em terra)

Vão os anos descendo, e já do estio há pouco que passar até o outono. A fortuna me faz o engenho frio, do qual já não me jacto nem me abono.

(pousa o outro joelho em terra)

Os desgostos me vão levando ao rio do negro esquecimento e eterno sono. Mas tu me dá que cumpra, ó grã rainha das Musas, co que quero à nação minha!

Subitamente vigoroso, põe-se em pé. Olha ao longe, respira, preparando-se.

Ao longe, aos poucos, a grande caravela se ilumina.

Um ruído contínuo brota e vai subindo, preparando a música, enquanto o Poeta diz:

CAMÕES - As armas e os barões assinalados, que da ocidental praia lusitana, por mares nunca de antes navegados, passaram ainda além da Taprobana, em perigos e guerras esforçados, mais do que prometia a força humana, e entre gente remota edificaram novo reino, que tanto sublimaram...

E também as memórias gloriosas daqueles reis, que foram dilatando a fé e o império...

E aqueles, que por obras valerosas se vão da lei da morte libertando...

cantando espalharei por toda parte, se a tanto me ajudar o engenho e arte.

Eu canto o peito ilustre Lusitano, a quem Netuno e Marte obedeceram.

(canta)

Cesse tudo o que a Musa antiga canta,

que outro valor mais alto se alevanta.

Dai-me agora um som alto e sublimado,

um estilo grandíloquo e corrente,

dai-me uma fúria grande e sonora,

que o peito acende e a cor ao gesto muda.

Dai-me igual canto aos feitos da famosa gente vossa,

que a Marte tanto ajuda.

Que se espalhe e se cante no universo,

se tão sublime preço cabe em verso.

2

A PARTIDA

Explode a música, viva, melódica, animada.

Amanhece. O espaço todo se expande em luz.

Enche-se de gente colorida: marinheiros, operários, vendedores ambulantes, soldados, sacerdotes, carregadores, mães com filhos, com trouxas, com cestos grandes, crianças, jovens, velhos, a vida.

A caravela avança lentamente.

CAMÕES - Vasco da Gama, o forte capitão, que a tamanhas empresas se oferece, de soberbo e de altivo coração, a quem Fortuna sempre favorece.

A luz cai a penumbra sobre o povo que se imobiliza.

Num corredor de luz, só Vasco continua a caminhar, dinâmico, animado.

VASCO - *(canta)*

Eu, que bem mal cuidava que em efeito
se pusesse o que o peito me pedia,
que sempre grandes coisas
deste jeito pressago
o coração me prometia,
não sei por que razão,
por que respeito,
ou por que bom sinal
que em mim se via,
me põe o ínclito rei nas mãos
a chave deste cometimento grande e grave,
para que com sublime coração
vá a gente que mandar cortando os mares
a buscar novos climas, novos ares.

Na extremidade do corredor de luz, Vasco se ajoelha.

Na outra extremidade, entra o rei D. Manuel, acompanhado de uma comitiva de nobres da corte.

Na penumbra, ajoelha-se com fragor toda a multidão que estava imóvel.

D. MANUEL - (*canta*)

As coisas árduas e lustrosas
se alcançam com trabalho e com fadiga.
Faz as pessoas altas e famosas
a vida que se perde e que periga.
Eu vos tenho entre todos escolhido
para uma empresa,
qual a vós se deve,
trabalho ilustre, duro e esclarecido,
o que eu sei que por mim vos será leve.

VASCO - (*canta*)

Ó rei subido,
aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
é tão pouco por vós,
que mais me pena ser esta vida
coisa tão pequena.
Porque a maior perigo,
a mor afronta,
por vós, ó rei,
o espírito e a carne é pronta.

O rei dá a mão para Vasco beijar e se retira.

As luzes voltam, volta o alvoroço popular.

A caravela continua avançando.

Ela é o foco de todo o movimento: sobre ela marinheiros recebem cargas entregues do chão, jovens saltam para dentro, escalam mastros, puxam cordas, amarram velas.

O Poeta Camões circula entre as pessoas, invisível, ou não notado.

Uma canção, ainda sem palavras, brota dessa atividade: o povo canta.

VASCO - De três robustas naus compõem-se a armada, e uma naveta mais, de mantimentos.

A capitânia, São Gabriel chamada, vai sob meu comando e regimento.

(*Paulo da Gama junta-se a Vasco, que passa o braço por seus ombros*)

Para a São Rafael ter comandada, a acompanhar-me logo se oferece, obrigado d'amor e d'amizade, não menos cobiçoso de honra e fama, o caro meu irmão Paulo da Gama.

(Nicolau Coelho junta-se aos dois)

Na Bérrio, a terceira, por condutor mais se me ajunta Nicolau Coelho, de trabalhos mui grande sofredor. Ambos são de valia e de conselho, de experiência em armas e furor.

(os três vão subindo para o convés da caravela em movimento)

Já de manceba gente me aparelho, em que cresce o desejo do valor. Todos de grande esforço, e assim parece quem a tamanhas coisas se oferece.

A canção que o povo canta ganha palavras:

POVO - *(canta, em coro)*

Depois de aparelhados desta sorte
a quanto tal viagem pede e manda,
aparelhamos a alma para a morte,
que sempre aos nautas ante os olhos anda.
Aparelhamos a alma para a morte,
que sempre aos nautas ante os olhos anda.

A caravela continua se deslocando.

Uma mulher corre ao lado, dirigindo-se a um jovem debruçado do convés e que se chama Couto.

LEANOR VAZ - *(canta, sobre o coro do povo)*

Ó filho, a quem eu tinha só para refrigério,
e doce amparo
desta cansada já velhice minha,
que em choro acabará,
penoso e amaro.
Por que me deixas, mísera e mesquinha?
Por que de mim te vás, ó filho caro,
a fazer o funéreo enterramento,
Onde sejas de peixes mantimento!

Ela cai, chorando, é socorrida por outras mulheres e levada embora.

POVO - *(canta, em coro)*
 Por que te vás
 ó filho amaro,
 onde sejas de peixes mantimento.
 Por que te vás
 onde sejas de peixes.

Outra mulher toma o lugar da primeira, correndo ao lado da caravela, um bebê nos braços.

LEDA MIRANDA - *(canta, sobre o coro do povo)*
 Ó doce e amado esposo,
 sem quem não quis amor que viver possa.
 Por que is aventurar ao mar iroso
 essa vida que é minha, e não é vossa?
 Como por um caminho duvidoso
 vos esquece a afeição tão doce nossa?
 Nosso amor, nosso vão contentamento
 Quereis que com as velas leve o vento?

A mulher cai, como a outra, e é amparada pelas mulheres do povo.

Cantando, o povo todo se agrupa, acenando lenços brancos para a caravela que se afasta..

POVO - *(canta, em coro)*
 Quereis que com as velas leve o vento.
 Vereis que com as velas leve é o vento.
 Que a vida, com as velas, leva o vento.
 Vereis que vale a vida nas velas o leve vento.

O Velho do Restelo destaca-se da multidão e avança para a caravela que se afasta.

VELHO - *(canta, sobre o coro)*
 Ó glória de mandar!
 Ó vã cobiça desta vaidade,

a quem chamamos Fama!
 Ó fraudulento gosto
 que se atíça c'uma aura popular
 que honra se chama!
 Que castigo tamanho e que justiça fazes
 no peito vão que muito te ama!
 Que mortes, que perigos, que tormentas,
 que crueldades neles experimentas!

POVO - *(canta, em coro)* Mísera sorte, estranha condição!

Camões destaca-se do povo e vai ficar ao lado do Velho, olhando a caravela.

VELHO - *(canta, sobre o coro)*
 Chamam-te Fama e Glória soberana,
 nomes com quem se o povo néscio engana!
 A que novos desastres determinas
 de levar estes reinos e esta gente?

CAMÕES - *(canta)*
 Que perigos, que mortes lhe destinas
 debaixo dalgum nome preminente?

VELHO - *(canta)*
 Que promessas de reinos, e de minas d'ouro,
 que lhe farás tão facilmente?

CAMÕES - *(canta)*
 Que famas lhe prometerás? que histórias?
 Que triunfos, que palmas, que vitórias?

POVO - *(canta, em coro)* Mísera sorte, estranha condição!

VELHO e CAMÕES - *(cantam, em dueto)*
 Ó maldito o primeiro que no mundo,
 nas ondas,
 velas pôs em seco lenho!
 Nunca júizo algum alto e profundo,
 nem cítara sonora, ou vivo engenho,

te dê por isso fama nem memória,
mas contigo se acabe o nome e glória.

POVO - *(canta, em coro)* Mísera sorte, estranha condição! *(bis)*

De ombros curvados, cabisbaixo, o Velho do Restelo volta para o povo aglomerado.

A luz vai se apagando sobre o grupo, resta apenas um foco sobre o Poeta.

E a caravela, toda iluminada.

O Poeta fica olhando, com a mesma intensidade hesitante do começo e, repentinamente, com um grito longo, corre, salta, gruda-se ao casco, e escala a caravela até o convés.

No convés, Vasco, ladeado por Paulo da Gama e Nicolau Coelho, e logo por Camões, que chega, toda a tripulação reunida em grupo, pendurada das cordas e dos mastros, olhando ao longe.

TODOS - *(cantam, em coro)*

Já a vista pouco a pouco se desterra
daqueles pátrios montes,

caro Tejo,

fresca serra de Sintra...

Fica-nos também na amada terra

o coração.

E já depois que toda se escondeu,
não vimos mais enfim que mar e céu.

3

A VIAGEM

O Atlântico

Suavemente, anoitece um crepúsculo de ouro e vermelhos.

No convés, os navegantes olham o vasto mar e o céu.

CORO - (canta)

Já no largo Oceano navegamos,

as inquietas ondas apartando;

os ventos brandamente respiramos,

das naus as velas côncavas inchando;

na branca espuma os mares divisamos

por eles nossas proas vão cortando.

Assim vamos abrindo o chão dos mares,

que geração alguma não abriu,

às novas ilhas vendo e os novos ares, dizendo: boa viagem

boa viagem

boa viagem

boa viagem

boa viagem

boa viagem.....

Baixa sobre tudo a escuridão da noite, pontilhada de estrelas.

A caravela ondula sobre o mar azul profundo, iluminada por pequenas lanternas amareladas.

Surge no céu a imagem projetada da lua que suavemente se transforma na deusa Diana.

Em torno dela, surgem os outros deuses, primeiro como planetas brilhantes, depois com sua forma característica: Júpiter, Vênus, Marte, Baco, Mercúrio, e Saturno sonolento.

JÚPITER - Agora vedes bem que, arremetendo ao duvidoso mar num lenho leve, por vias nunca usadas, não temendo de vento algum a força, a mais se atreve: inclinam seu propósito e porfia a ver os berços onde nasce o dia.

SATURNO - (*sonolento*) Prometido lhe está do fado eterno, cuja alta lei não pode ser quebrada, que tenham longos tempos o governo do mar...

MARCÚRIO - Já parece bem feito que lhe seja mostrada a terra Índia, que deseje.

VÊNUS - Baco, por certo, há de diferir, razões diversas dando e defendendo e por sentença não vai consentir no que Júpiter disse, conhecendo que esquecerão seus feitos no Oriente, se lá passar a lusitana gente.

BACO - (*bem zangado*) Por vencedor da Índia sou cantado por quantos bebem a água de Parnaso. Temo agora que seja sepultado meu tão célebre nome em negro vaso d'água do esquecimento, se lá chegam os fortes portugueses, que navegam.

MARTE - (*para Júpiter*) Se esta gente, que busca outro hemisfério, cuja valia e obras tanto amaste, não queres que padeçam vitupério, como há já tanto tempo que ordenaste, não ouças mais, pois és juiz direito, razões de quem parece que é suspeito.

Baco ruge de raiva e controla-se para não avançar em cima de Marte.

JÚPITER - Da determinação que foi tomada não torno atrás, pois seria fraqueza desistir-se da coisa começada. Mercúrio pois, que excede em ligeireza ao vento leve e à seta bem talhada, lhe vá mostrar a terra onde se informe da Índia e onde a gente se reforme.

Furioso, Baco dá um grito de fúria e despenca da projeção no céu para o chão, assumindo forma humana.

No espaço físico, gira, iniciando uma dança furiosa.

Música.

Na projeção, Vênus, risonha, beija Júpiter, agradecendo ao pai.

O grande deus faz um gesto com a mão: os deuses voltam a cintilar com a forma de estrelas, Diana volta a se transformar na Lua.

O céu é dominado pelo Cruzeiro do Sul.

Ouvem-se vozes graves, baixas.

VASCO e CAMÕES - (*juntos, um fazendo eco ao outro*)

No novo hemisfério,
nova estrela,
não vista de outra gente
que, ignorante,
alguns tempos esteve incerta dela.

Baco prossegue a sua dança ameaçadora, enchendo o ar de fumaça.

Vagos relâmpagos esverdeados revelam a silhueta do deus que enfeitiça o espaço.

O coro canta sussurrado, staccato, gerando um clima de suspense e perigo iminente.

CORO - Mauritânia
 Madeira
 Massília
 azenegues
 negro Sanagá
 Cabo Arsinário
 Cabo Verde
 Canárias Fortunadas
 Santiago
 Jalofo
 Mandinga
 Gambéia
 Serra Leoa
 Cabo Palmas
 Congo
 Zaire

VASCO - *(canta, sobre o coro)*
 Estamos onde ainda se não sabe
 que outra terra comece,
 ou mar acabe.

VASCO e CAMÕES - *(cantam, sobre o coro)*
 Súbitas trovoadas temerosas,
 relâmpados que o ar em fogo acendem,
 negros chuveiros,
 noites tenebrosas,
 bramidos de trovões que o mundo fendem,
 coisas do mar, que os homens não entendem.

Baco gira depressa na fumaça.

Salta, e imóvel, braços levantados, comanda: um túnel de laser, verde, tremulante se acende de repente.

Grande agitação na caravela que paira sobre a fumaça bruxuleante.

Os marinheiros apavorados, Vasco, Paulo, Nicolau, Camões, todos olham o súbito fenômeno.

CRISPIM - O fogo de Santelmo!

COUTO - Valei-nos!

SILVESTRE - Temos o término ardente passado, onde o meio do mundo é limitado.

COUTO - É o fim do mar!

CRISPIM - Terra não há à esquerda. E à direita não há certeza doutra, só suspeita.

COUTO - É o fim!

MUITOS - O fim! É o fim! Valha-nos Deus! Mãe do céu!

COUTO - *(primeiro sozinho, aos poucos todas as vozes juntam-se à dele)*

Ave Maria gratia plena, Dominus tecum, benedicta tu immulieribus, benedictus fructus ventris tuum Iesu. Santa Maria mater Dei ora pro nobis peccatoribus, ora et in hora mortis nostram. Amen.

A um gesto de Baco, outros seres escuros surgem e correm num grande círculo em torno da nau, soltando gritos agudos de carpideiras árabes que se misturam à reza.

Ribomba um trovão, a luz do raio estala branca sobre tudo.

Alarido de terror na caravela.

Uns marinheiros correm, confusos; outros se ajoelham em grupo.

Na luz cinzenta da tempestade, a fumaça forma uma grande espiral dominando todo o espaço, com projeções sobre a platéia e o teto, subindo numa tromba d'água espetacular, assustadora.

(Para se ter idéia do portento, Camões descreve assim o fogo de Santelmo e a tromba d'água:

“Vi, claramente visto, o lume vivo
que a marítima gente tem por santo
em tempo de tormenta e vento esquivo,
de tempestade escura e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
milagre, e coisa certo de alto espanto,
ver as nuvens do mar com largo cano
sorver as altas águas do Oceano.
Eu o vi certamente, e não presumo
que a vista me enganava, levantar-se

no ar um vaporzinho e sutil fumo,
 e, do vento trazido, rodear-se ...
 Ia-se pouco e pouco acrescentando
 e mais que um largo masto se engrossava;
 aqui se estreita, aqui se alarga, quando
 os golpes grandes de água em si chupava
 ... em cima dele uma nuvem se espessava,
 fazendo-se maior, mais carregada
 co'o cargo grande d'água em si tomada ...
 chupando mais e mais se engrossa e cria,
 ali se enche e se alarga grandemente:
 tal a grande coluna, enchendo, aumenta
 a si, e a nuvem negra que sustenta.
 Mas depois que de todo se fartou,
 o pó que tem no mar a si recolhe,
 e pelo céu chovendo enfim voou,
 porque coa água a jacente água molhe:
 as ondas torna as ondas que tomou,
 mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
 Vejam agora os sábios na escritura,
 que segredos são estes de Natura.”)

Desaba a chuva fragorosa sobre o mar.

A tormenta se desmancha em música e luz: amanhece.

Os marinheiros estão tombados no convés.

Alguns começam, lentamente, a mexer nos cordames e nas velas.

Vasco da Gama caminha entre eles.

VASCO - Já a lua cinco vezes apressada, agora meio rosto, agora inteiro mostrou, e o mar vai cortando a nossa armada.

Do alto do cesto da gávea, um marinheiro grita a plenos pulmões.

VIRIATO - Terra! Terra! Terra à vista!

Os marinheiros que dormiam despertam, alvoroçados e alegres, falam uns com os outros, apontam a terra.

CONTRAMESTRE - (*gritando comandos*) As velas grandes todas: amainaaaaar! Âncora pesada, adereçaaaar!

Os marinheiros escalam e puxam cordas, baixam vergas, enrolam velas.

Assobiam uma canção ritmada, popular.

Vasco da Gama, Nicolau Coelho e Paulo da Gama descem pela escada de corda para o batel.

CONTRAMESTRE - Desembarcaaaaaar!

Os marinheiros, em grupos, saltam da caravela e correm para a praia.

Fernão Veloso e mais três vão puxando o batel para a praia.

Vão assobiando a canção.

FERNÃO - (*canta, forte, soltando a voz*)

Os bons vi sempre passar
no mundo grandes tormentos;
e pera mais me espantar,
os maus vi sempre nadar
em mar de contentamentos.
Cuidando alcançar assim
o bem tão mal ordenado,
fui mau, mas fui castigado:
assim que, só pera mim,
anda o mundo concertado.

Todos riem.

Fernão Veloso e os moços descarregam do batel um pequeno baú e correm, juntar-se aos outros na praia.

Vasco, Paulo e Nicolau desembarcam do batel.

VASCO - (*para Paulo e Nicolau*) Olha: na espaçosa praia toda a gente se espalhou, de ver coisas estranhas desejosa, da terra que outro povo não pisou.

PAULO - Vamos?

VASCO - Eu fico, a tomar do sol a altura e compassar a universal pintura, pelo novo instrumento do astrolábio, invenção de sutil juízo e sábio.

Os marinheiros desaparecem nos matos.

Vasco tira do baú um astrolábio dourado e um caderno grande.

Ladeado por Paulo e Nicolau, que olham curiosos, prepara-se para fazer a observação.

VASCO - Creio termos de todo já passado do Capricórnio trópico a meta, estando entre ele e o círculo gelado austral.

NICOLAU - Parte do mundo mais secreta.

Alarido dos marinheiros. Os três olham.

Um bando retorna, agitado e curioso, trazendo preso pelos braços um jovem nativo, nu.

NICOLAU - (*surpreso*) Eia!, têm os companheiros capturado...

VASCO - Eu vejo.

NICOLAU - ... um estranho de pele preta!

DOMÍCIO - Tomado à força, capitão.

COUTO - É o demo!

DIEGO - Não se viu nunca o pobre em tal extremo.

CRISPIM - Torvado vem da vista, como aquele...

SILVESTRE - Nem ele entende a nós, nem nós a ele.

Com um gesto, Vasco faz calar os marinheiros.

Com outro gesto, indica o baú a Paulo da Gama.

Nicolau se apressa e abre o baú.

Paulo tira de dentro uma bolsa de couro e despeja moedas de ouro na palma da própria mão.

O jovem nativo olha, de olhos arregalados, medroso, nada entende.

Nicolau, desajeitado, mostra-lhe um prato de prata reluzente.

O jovem sacode a cabeça ao ver o próprio reflexo e desvia o rosto, temeroso.

VASCO - Mostra-lhe agora peças mais somenos.

NICOLAU - (*tirando colares de contas e um fio de guizos do baú*)

Contas de cristalino transparente, estes soantes cascavéis pequenos...

O jovem nativo entende, finalmente, que estão lhe oferecendo presentes.

Vencendo o medo, tenta apontar com a mão, mas é tolhido pelos marujos.

Consegue indicar com gestos de cabeça o barrete vermelho na cabeça de Nicolau.

PAULO - Um barrete...

FERNÃO VELOSO -vermelho...

VASCO - Cor contente.

NICOLAU - Creio que esses sinais, esses acenos...

Paulo tira o barrete da cabeça de Nicolau e entrega a Vasco, que o entrega ao nativo.

Os marinheiros relutam em soltá-lo, mas Vasco ordena e eles soltam.

O jovem agarra o barrete.

Olha desconfiado, identificando Vasco como o chefe.

Abre um riso temeroso e mete o gorro na cabeça.

Riem todos, porém com as mãos nas armas à cintura.

NICOLAU - *(passando a mão na cabeça descoberta)*

É. Com isso se alegra grandemente.

O jovem nativo dá um passo.

Os marinheiros avançam, alertas.

O jovem olha para Vasco.

Vasco indica com um gesto que ele pode ir.

O rapaz ri e se afasta depressa.

FERNÃO VELOSO -Decerto tão ligeiro assim caminha porque tem povoação aqui vizinha.

O rapaz sai.

Vasco, Nicolau e Paulo sobem no batel.

Chefiados por Fernão Veloso, alguns marinheiros empurram o barquinho de volta à caravela.

Os outros marinheiros retornam relutantes.

Ouve-se um tambor africano muito primitivo e rústico, ao longe.

Nicolau esfrega a cabeça descoberta, sentindo falta do barrete, e olha para a praia.

Lá, o mesmo rapaz avança acompanhado de muitos outros, todos homens, negros, nus.

NICOLAU - Eia, Vasco! O selvagem traz parceiros! Vêm todos nus, da cor da escura treva.

Os nativos acenam, chamando da praia.

FERNÃO - Domésticos já, tanto, e companheiros.

VASCO - As peças vêm buscar que o outro leva.

Vasco arranca o próprio barrete da cabeça e atira longe.

Um dos nativos avança e pega.

Paulo está de cabeça descoberta, mas Fernão Veloso tem um gorro, que arranca e joga aos africanos.

Os marinheiros que ainda estão por perto e que usam gorros, arrancam-nos e atiram longe.

Nus, com barretes europeus nas cabeças, os africanos começam um canto e uma dança muito primitivos.

FERNÃO VELOSO -(para Vasco) Permita que eu vá ver da terra o trato e me parta com eles pelo mato.

Vasco acena que sim e Fernão Veloso corre para a praia.

Todos os marinheiros estacam para olhar.

O grupo de nativos o recebe bem. O primeiro rapaz, de barrete vermelho, o abraça.

E vão saindo, conversando animados por meio de gestos.

Os marinheiros todos prosseguem para a nau.

Os do batel empurrando o barquinho, chefiados agora por Domício.

PAULO - É Veloso no braço confiado.

NICOLAU - E de arrogante crê que vai seguro.

Os marinheiros atingem a nau e escalam as escadas de corda.

Domício joga a corda do batel para um marinheiro no convés.

Nicolau esfrega a cabeça descoberta e olha a praia.

Alarido. Todos olham a praia.

Fernão Veloso vem correndo, nu, cobrindo as vergonhas com a mão.

NICOLAU - (sem conseguir esconder um pequeno riso maldoso)

Ao mar parece que vem caminhando, mais apressado do que foi, voltando.

Os jovens africanos surgem, perseguindo Veloso, atirando flechas e pedras.

Todos se protegem e imediatamente partem para o ataque, enfurecidos, gritando, de certa forma contentes pela oportunidade de um combate, uma boa briga para animar o tédio da viagem.

Vasco e Paulo vão junto.

Apenas Nicolau fica assistindo do batel.

Combate corporal.

Durante a luta, Fernão Veloso chega ao batel e sobe.

Nicolau olha a nudez do jovem, hesita, e acaba, contrafeito, de má vontade, tirando a capa curta e entregando a Fernão Veloso, para que se cubra.

Os jovens africanos recuam. E saem de cena, gritando, derrotados.

Os marinheiros, mais Vasco e Paulo retornam ao barco, rapidamente.

PAULO - A resposta lhes demos merecida, que em mais que nos barretes se suspeita que a cor vermelha levam desta feita.

VASCO - Triste a malícia feia e rudo intento dessa gente bestial, bruta e malvada, de quem nenhum melhor conhecimento pudemos ter da Índia desejada. Senão que estamos ainda longe dela.

(subindo para a caravela, grita ao Contramestre)

Tornai agora a dar ao vento a vela.

Os marinheiros cercaram Veloso, cada um oferecendo uma peça de roupa. Ele está se vestindo.

CRISPIM - Ó lá, Veloso amigo, aquele outeiro é melhor de descer que de subir.

FERNÃO VELOSO - Sim, é.

SILVESTRE - Responde, ousado aventureiro...

VELOSO - Mas quando eu para cá vi tantos vir daqueles cães, depressa um pouco vim, por me lembrar que estáveis cá sem mim.

Grandes risos de todos, que se movimentam, aprontando o barco para partir.

A luz cai lentamente.

Resta apenas um foco aceso sobre o cesto da gávea, lá no alto da caravela, onde Camões está sentado, um maço de folhas soltas no colo, o tinteiro na mão esquerda, a pena na direita, raspando o papel com ruído, escrevendo.

CAMÕES - Quando dali partiram-se, cortando os mares nunca doutrem navegados,
prósperamente os ventos assoprando, eis que uma noite estando descuidados, uma
nuvem que os ares escurece sobre as suas cabeças aparece. Tão temerosa vinha e
carregada, que pôs nos corações um grande medo, bramindo o negro mar, de longe
brada como se desse em vão nalgum rochedo.

Estala um raio de luz branca, revelando um monte próximo, muito alto.

Os marinheiros gritam.

Oscila a luz de Camões.

O som grave do trovão rola fazendo trepidar o espaço todo.

Os marinheiros se agitam.

Vasco olha pela luneta, Camões cobre o rosto com as mãos.

VASCO - Ó Potestade sublimada! Que ameaço divino, ou que segredo este clima e este mar
nos apresenta, que mor coisa parece que tormenta?

A luz se transforma, revelando a forma do monte: pode ser um monte, pode ser um homem.

*É o gigante Adamastor, imobilizado em pose que ora parece uma montanha, ora um ser humano
descomunal.*

Os marinheiros se alvoroçam, murmuram, temerosos.

O som subgrave pulsa num ritmo.

(“... Uma figura
se nos mostra no ar, robusta e válida,
de disforme e grandíssima estatura,
o rosto carregado, a barba esquelada,
os olhos encovados, e a postura
medonha e má, e a cor terrena e pálida,
cheios de terra e crespos os cabelos,
a boca negra, os dentes amarelos.
Tão grande era de membros ...
com um tom de voz nos fala horrendo e grosso,
que pareceu sair do mar profundo:
arrepiam-se as carnes e o cabelo
a mi e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo.”)

ADAMASTOR - Ó gente ousada,

mais que quantas no mundo cometeram grandes cousas,
 e que por guerras cruas,
 tais e tantas,
 a navegar meus longos mares ousas,
 sabe que quantas naus esta viagem que ora fazes,
 fizerem de atrevidas,
 inimiga terão esta paragem com ventos e tormentas desmedidas.

VASCO - Quem és?

ADAMASTOR - Eu sou aquele oculto e grande Cabo,
 a quem chamais vós outros Tormentório.
 Aqui toda a africana costa acabo
 e a todos que passaram fui notório.
 Chamei-me Adamastor.
 Todas as deusas desprezei do céu,
 só por amar das águas a princesa.
 Um dia, a vi coas filhas de Nereu sair nua na praia,
 e logo presa a vontade senti de tal maneira
 que ainda não sinto coisa que mais queira.

Adamastor dá um bramido de dor, que é um trovão grave.

Os marinheiros recuam, apavorados.

Um relâmpago ilumina a praia.

Tétis está saindo da água, cercada de ninfas, todas nuas, os corpos brancos refulgindo no escuro.

Os marinheiros avançam até a amurada para olhar, comentam uns com os outros, apontam.

ADAMASTOR - Como fosse impossível alcançá-la pela grandeza feia de meu gesto, determinei
 por armas de tomá-la.

TÉTIS - *(volta a cabeça, como se ouvisse a fala de Adamastor)*

Qual será o amor bastante de Ninfa que sustente o dum gigante? *(as ninfas riem, zombando)* Contudo, por livrarmos o oceano de tanta guerra, eu buscarei maneira, com que, com minha honra, evite o dano.

As ninfas riem e saem correndo.

ADAMASTOR - Já néscio,

já da guerra desistindo,
 uma noite,
 a deusa prometida,
 me aparece de longe,
 o gesto lindo
 a branca Tétis,
 única,
 despida.

*Tétis passa voando diante do gigante, o corpo nu refulgindo no escuro, o riso claro ressoando.
 Os marinheiros se agitam, murmuram.*

ADAMASTOR - Como doido corri de longe,
 abrindo os braços,
 para aquela que era vida deste corpo,
 e começo os olhos belos a lhe beijar,
 as faces e os cabelos.
 Ó que não sei de horror como o conte!
 Que, crendo ter nos braços quem amava,
 abraçado me achei com um duro monte
 de áspero mato e de espessura brava.

*Adamastor solta outro urro que é um trovão grave sacudindo a terra.
 Os marinheiros se aglomeram, murmurando, apavorados.*

ADAMASTOR - Converte-se-me a carne em terra dura,
 em rochedos os ossos se fizeram,
 estes membros que vês e esta figura
 por estas longas águas se estenderam.
 Enfim, minha grandíssima estatura
 neste remoto cabo converteram os deuses,
 e por mais dobradas mágoas,
 me anda Tétis cercando destas águas.
 (outro grito de dor, outro trovão)
 (ameaçador) Eis, pois:

à primeira armada que passagem fizer por estas ondas insofridas, eu farei de improviso tal castigo, que será mor o dano que o perigo, naufrágios, perdições de toda sorte, que o menor mal de todos seja a morte.

Ribomba um trovão que tudo estremece.

A luz treme e se apaga, os marinheiros gritam de pavor.

Silêncio.

4

A VIAGEM

África Negra

No escuro tremula a vaga luz de um lampião, formando um foco.

Nele, está Vasco ajoelhado no tombadilho da nau, rezando.

VASCO - *(canta)*

Eu,
levantando as mãos
ao santo coro dos anjos,
que tão longe nos guiou,
a Deus imploro
que remova os duros casos,
que Adamastor contou futuros.

Vasco sai do círculo de luz e desaparece no escuro.

Camões toma o seu lugar no foco, mas não se ajoelha. Olha a platéia.

No escuro, o coro de marinheiros começa um zunido de protesto, quase imperceptível no início, que vai aumentando de intensidade à medida que a luz vai se acendendo.

CAMÕES - Ora imagina agora
quão coitados andariam todos,
e quão perdidos,
de fomes, de tormentas quebrantados,
por climas e por mares não sabidos,
e do esperar comprido tão cansados...

No convés, marinheiros divididos em dois grupos: alguns com copos e pratos nas mãos.

Um deles toma um gole e cospe a bebida num chuveiro ruidoso.

Outro atira longe o prato.

Um terceiro vomita da amurada, amparado por um companheiro.

O coro continua crescendo, preparando uma explosão.

CORO - (canta) Corrupto já
e danado o mantimento,
danoso e mau ao fraco corpo humano,

Vasco surge no alto do tombadilho, ladeado por Nicolau e Paulo da Gama.

Os marinheiros todos se imobilizam e olham para eles.

O clima é carregado de perigo iminente.

CORO - (canta) Nenhum
nenhum
nenhum contentamento,
que sequer da esperança seja engano.

De pontos diferentes do convés, três marinheiros avançam furiosos sobre Vasco, Nicolau e Paulo.

São contidos por Fernão Veloso, Fernão Martins, Domício, Crispim e Silvestre.

Começa a se formar uma revolta.

CORO - (canta) Nenhum
nenhum
nenhum contentamento

CAMÕES - Crês tu que, se este nosso ajuntamento de soldados não fora Lusitano, que durara ele tanto obediente por ventura a seu Rei e a seu regente?

Os marinheiros se dividem nitidamente agora, enfurecidos e violentos.

A maioria puxa punhais, pega pedaços de paus e avança, ameaçadoramente, para Vasco, Paulo e Nicolau.

Fernão Veloso, Fernão Martins, Domício, Crispim e Silvestre puxam suas armas.

Nicolau e Paulo da Gama desembainham as espadas.

CORO - (canta) Nenhum
nenhum
nenhum contentamento

CAMÕES - Crês que não se teriam levantado contra seu capitão, se os resistira, fazendo-se piratas, obrigados de desesperação, de fome, de ira?

*Os marinheiros revoltosos avançam sobre os comandantes que se juntam num grupo compacto.
Vasco levanta as mãos espalmadas tentando conter os amotinados.*

CORO - (canta) Nenhum
nenhum
nenhum contentamento

CAMÕES - Grandemente, por certo, estão provados, pois que nenhum trabalho grande os tira daquela portuguesa alta excelência de lealdade firme, e obediência.

O Poeta olha a revolta pronta a eclodir, sorri, irônico, sacudindo a cabeça. E sai de cena.

Repentinamente, explode um batuque forte e vivo.

Os marinheiros se calam, perdidos, confusos.

Alguns correm à amurada e olham para fora do barco.

VIRIATO - (grita a plenos pulmões, do alto, no cesto da gávea)

Ó lá, capitão, já da costa perto, praias e vales se pode enxergar. Num rio, que ali sai ao mar aberto, batéis à vela a sair e entrar!

Alguns dos revoltosos saltam imediatamente para o mar.

Os outros gritam de alegria, festejando, a violência anterior explodindo em alívio igualmente intenso.

VASCO - (com ironia) Alegria mui grande é por certo nesta hora achar quem sabe navegar.

Dois pequenos e rústicos batéis de velas triangulares e coloridas avançam para a nau, pilotados por negros semi-vestidos de panos de cores fortes.

Vasco, Nicolau e Paulo da Gama chegam à amurada para olhar.

Na praia, jovens nativas de seios nus, dançam, cantam, acenando, risonhas e alegres.

Fernão Veloso salta para um dos batéis, Fernão Martins para o outro.

Os negros falam em língua nativa, com algumas palavras árabes misturadas.

Fernão Martins escuta, atento, responde em árabe, conversam.

Os marinheiros saltam para o mar e vão se juntar aos nativos, homens e mulheres, que dançam na praia.

Fernão Veloso grita do batel.

FERNÃO VELOSO - *(para Vasco)* Etíopes são todos, mas parece que com gente melhor se comunicam; palavras da Arábia se reconhece entre a linguagem sua que praticam.

VASCO - *(chamando)* Fernão Martins!

MARTINS - *(no outro batel)* Ó lá, meu capitão! Mui bem se entende: dizem que por naus, que em grandeza igualam as nossas, o seu mar se corta e fende. E que lá donde sai o sol, se cria gente, assim como nós, da cor do dia.

Paulo vibra, com um semi-abraço no irmão Vasco.

NICOLAU - Posto que todos etíopes são, mais humanos no trato me parecem que os outros, de tão perversa intenção. Estes são mais na vista prazenteiros e dá que humanamente nos tratassem, trazendo-nos galinhas e carneiros, a troco doutras peças, que levassem.

Vasco e Paulo riem do pragmatismo de Nicolau e apertam os ombros dele num gesto amigo.

Olham os marinheiros que dançam e cantam com os nativos na praia.

Fernão Veloso e Fernão Martins sobem para a nau, trazendo efetivamente galinhas e frutas dos batéis nativos.

Nicolau levanta as mãos para o céu. Paulo e Vasco riem.

O Contramestre se aproxima.

CONTRAMESTRE - Capitão. De limos, cascas e ostrinhos, nojosa criação dágua salgada, limpemos aqui as naus, que dos caminhos longos do mar, vêm sujas, maculadas.

VASCO - Seja! *(examina os mantimentos trazidos pelos dois Fernões)*

E dos que ora temos por vizinhos, com mostras aprazíveis declaradas, louvemos sempre o usado mantimento, limpos de todo o falso pensamento.

CONTRAMESTRE - *(grita para a praia)* Abordaaaaaar!

Os marinheiros correm para a nau, seguidos de alguns nativos.

As mulheres ficam na praia e continuam cantando.

Liderados pelo Contramestre, marinheiros e nativos se põem a limpar o casco da nau.

Os africanos cantam uma canção nativa de trabalho, marcando o ritmo no casco da nau.

As mulheres respondem da praia.

Vasco, Nicolau e Paulo saem de cena.

Camões, no ponto mais alto da nau, observa.

CAMÕES - Mas não foi, da esperança grande e imensa que nesta terra houveram, limpa e pura a alegria. E logo a recompensa vem se vingar com nova desventura.
Assim no céu sereno se dispensa: com esta condição pesada e dura nascemos: o pesar terá firmeza, mas o bem logo muda a natureza.

Alguns marinheiros que trabalham no casco, rodopiam e caem.

Os nativos se assustam. Cessam o canto.

No convés surgem marinheiros com a boca sangrando, cambaleantes, gemendo. São amparados por outros.

Entram Vasco, Paulo e Nicolau.

Vasco e Nicolau observam. Paulo vai até os marujos para examiná-los.

COUTO - Valha-nos Deus!

CRISPIM - Que doença crua e feia!

GIL - Quem haverá que, sem o ver, o creia?

SILVESTRE - Incham as gengivas na boca, e cresce a carne e juntamente apodrece.

Todo o convés se agita.

Os nativos ajudam os marujos doentes a subir para bordo e olham, compungidos, sem entender direito.

PAULO - *(voltando, relatando para Vasco)* Apodrecem com um fétido e bruto cheiro, que o ar vizinho faz veneno.

VASCO - Não temos nós aqui médico astuto...

NICOLAU - E cirurgião sutil ainda menos.

Morrem marujos no convés, nos braços de outros marinheiros, que gritam e choram.

Corpos são enrolados em panos brancos de velas e levados para a praia com a ajuda dos nativos.

CORO - *(canta)* Quão fácil é ao corpo a sepultura!

Quaisquer ondas do mar,

quaisquer outeiros estranhos,

assim mesmo como aos nossos,

receberão de todo ilustre os ossos.

VIRIATO - *(sobre o coro)* Ai!

GIL - *(chorando)* Ai, que nesta incógnita espessura deixamos para sempre os companheiros, que em tal caminho e em tanta desventura foram sempre conosco aventureiros.

Os sobreviventes ficam olhando da amurada, enquanto os nativos conduzem seus batéis com os mortos para a praia, cantando uma triste canção fúnebre africana.

VASCO - *(para o Contramestre)* Deixando o porto enfim do doce rio e tornando a cortar a água salgada, façamos desta costa algum desvio, levando p'ra alto mar toda a armada, com maior esperança e mór tristeza buscando algum sinal de mais firmeza.

(para Paulo) Vê, mano, que tamanha terra andamos, sem sair nunca deste povo rude, sem vermos nunca nova nem sinal da desejada parte Oriental.

A luz vai baixando em resistência.

E de novo só Vasco da Gama fica iluminado por um foco, de pé na proa, olhando o horizonte, o vento nos cabelos.

CORO - *(canta)* Quão fácil é ao corpo a sepultura!

Quaisquer ondas do mar,
quaisquer outeiros estranhos,
assim, mesmo como aos nossos,
receberão de todo ilustre os ossos.

CAMÕES - *(canta, com o coro, invisível)*

Vasco da Gama, o forte capitão,
que a tamanhas empresas se oferece
de soberbo e altivo coração,
a quem Fortuna sempre favorece,

(Camões entra no foco e continua cantando ao lado de Vasco)

daí segue cortando muitos dias
entre tormentas tristes e bonanças,
no largo mar fazendo novas vias,
só conduzido de árduas esperanças.

5

A VIAGEM

África islâmica

Enquanto Camões e o coro cantam, vai subindo um alto nevoeiro sobre o mar, mais alto que um homem, cobrindo todo o casco da nau.

Amanhece.

Muito longe se escuta a primeira melodia árabe: uma voz entoando versos do Alcorão.

De todos os lados, avançam para a nau muitas velas quadradas, “de esteira de folhas de palma bem tecidas” e cercam o casco.

A bordo, os lusitanos não se dão conta.

Do nevoeiro emerge uma chusma de homens negros, “de pano de algodão vestidos, de várias cores, brancos e listrados”, alguns enrolados no corpo até os joelhos, outros só em torno do quadril, todos sem camisa, panos amarrados na cabeça, armados de punhais e facões na cintura.

Escalam o casco, rindo alto, falando todos ao mesmo tempo, em árabe.

Os marinheiros acorrem, agitados, alguns com medo, outros curiosos.

DIEGO - Que gente será esta?

PERO - Terão rei?

COUTO - Que costumes, terão, qual sua lei?

Vasco avança, com gestos manda que os marinheiros sirvam os forasteiros.

Os homens trazem copos e botas de vinho que servem aos visitantes, passam cestos de doces.

Os visitantes comem e bebem alegremente, sempre rindo e falando.

BASIM - Min Entu? (*Quem são vocês?*)

AJIB - Men wein jitu? (*Vieram de que terra?*)

HASAN - La wein Ray hin? (*Estão indo para onde?*)

FERNÃO MARTINS - Perguntam quem somos, de onde viemos, e que partes do mar corrido temos.

DIEGO - Os portugueses somos do Ocidente, imos buscando as terras do Oriente.

FERNÃO MARTINS – Nehna português men el rharb, Na Nfatech Na arádi el chark. (*Somos os portugueses do ocidente e estamos buscando as terras do oriente.*)

- COUTO - No mar temos corrido e navegado, diversos céus e terras temos visto.
- FERNÃO - (*quase junto*) An Nebrom u Nhud el Bhur u chefna Edet samewét u Arádi.
- PERO - Dum rei potente somos, mui amado, mui querido de todos, e benquisto.
- FERNÃO MARTINS - Malek na Adir, Ktir Mheb u Mahbub Men al jamie.
- GIL - E por mandado seu, buscando andamos a terra Oriental que o Indo rega.
- FERNÃO MARTINS – Wa bi Amer Menu An Nfatech An Ared el chark elli Bierwiha Naher el Hend.
- VASCO - Mas já razão parece que saibamos, se entre vós a verdade não se nega, quem sois, que terra é esta que habitais, e se tendes da Índia alguns sinais?
- FERNÃO MARTINS – Iza m Nkartu Elaina el Ha-i-a men ul min Entu. U Aya Ared Entu Sékmin, u Iza Fi llhend Aya Alémi?
- BADAR - Nehna rhereb An Hal Ared, u Anun el Balad. Hekkém Houn Heni elli hal-et-hum el Tabi-a Bidun Anun u la Hadaf. Enna el Anun el Mazbut elli Al-mu Muhamad, el Nabi el Azim Hal jaziri el Srhiri elli Men-ich fia Hié Tarik La Kila – u Manboza u Sofalla. Essem Hal faziri Mozambique.
- FERNÃO MARTINS - (*traduzindo, quase simultaneamente*) São estrangeiros na terra, lei e nação. Os donos são aqueles, que criou a natura sem lei e sem razão. Têm eles a lei certa e a boa meta que ensinou Mahamede, o grão profeta. (*reação de espanto dos marinheiros*) Esta ilha pequena, que ora habitam, é em toda esta terra certa escala de todos os que pelo mar transitam de Quíloa, de Mombaça e de Sofala. E por que tudo enfim vos notifique, chama-se a pequena ilha Moçambique.

Soam estranhos instrumentos de sopro.

Todos a bordo olham para o mar: uma vela mais alta avança. Embora também de palha trançada, é ornamentada com largas fitas coloridas.

À medida que avança pelo nevoeiro, vai subindo junto da vela um homem, evidentemente o Xequé, vestido de panos mais brilhantes, enfeitado com brincos e colares.

Ao chegar à nau, é alçado a bordo pelos que já estão no convés.

Fernão Martins dá-lhe a mão para subir.

Vasco o recebe com pompa. Conversam enquanto se acomodam no convés.

A música forte impede que se ouça o que dizem o Xequé, Vasco e Fernão Martins.

Quando estão acomodados e terminaram as saudações de praxe, a música cessa.

XEQUE - Vós por ventura vindes da Turquia?

VASCO - Eu sou da forte Europa belicosa, e busco as terras da Índia famosa.

XEQUE - E diz-me mais também, que ver desejo o livro de sua lei, preceito e fé, se acaso sois de Cristo, como vejo ou se conforme a minha crença é.

VASCO - A lei tenho daquele a cujo império obedece o visível e invisível. Aquele que criou todo o hemisfério, tudo o que sente, e todo o insensível. Que padeceu desonra e vitupério, sofrendo morte injusta e insofrível, e que do céu à terra, enfim desceu, por subir os mortais da terra ao céu. Deste Deus-homem, alto e infinito, não trago os livros para mostrar, que bem posso escusar trazer escrito em papel o que na alma deve andar.

XEQUE - Mostrai-me as armas que vós usais, quando com os inimigos pelejais.

VASCO - Se as armas quereis ver, que assim seja. *(faz um gesto de comando a Gil)* Como amigo as vereis, porque eu vos digo que nunca as queirais ver como inimigo.

O Xequé sorri, altivo.

Comandados por Gil, os marinheiros mostram armaduras, cotas de malha, espadas, escudos de pinturas diferentes, pelouros, espingardas de aço, arcos e aljavas de flechas, alabardas e chuços. Os mouros tudo examinam com curiosidade, experimentam o peso de espadas, lanças, escudos, mostrando sempre cada peça ao Xequé.

VASCO - *(à parte, pegando Gil pelo braço)*

Cuida que não se mostre cautamente as bombardas de fogo, tão danosas. Porque o ânimo generoso e valente, entre gentes tão poucas e medrosas, não mostra quem o pode. E com razão: que é fraqueza entre ovelhas ser leão.

O desfile de armamentos prossegue para admiração dos mouros.

Estrondam os canhões enchendo o ar de fumaça, encerrando a apresentação.

PERO - Pede-lhe bons pilotos, Capitão, por quem se possa à Índia ser guiado.

VASCO - Peço. E largo prêmio levarão do trabalho que nisso for tomado.

XEQUE - *(pensa um longo tempo, olhando em torno e responde)* Piloto aqui tereis, por quem sejais guiados pelas ondas sabiamente.

A notícia corre rapidamente e explode a alegria no convés.

Os marinheiros jogam os gorros para o alto, abraçam os nativos, comemoram entre si.

Repentinamente, acende-se uma projeção gigantesca de um close do rosto rubro de Baco, “irado, quase insano”.

BACO - *(canta)*
 Não será assim,
 porque antes que chegado seja este Capitão,
 astutamente lhe será tanto engano fabricado,
 que nunca veja as partes do Oriente.

Enquanto Baco canta, o Xeque se retira com seus homens, envolto pela celebração dos marinheiros.

Desaparecem no nevoeiro.

As velas de palha formam um corredor e pelo meio dele desliza a vela mais alta do Xeque.

BACO - *(canta)*
 Hei de sofrer que o fado favoreça outro
 por quem meu nome se escureça?
 Não.
 Pois sempre por via irá direita
 quem do oportuno tempo se aproveita.

Com um grito furioso e dolorido de Baco a projeção se apaga repentinamente e ele despenca do alto para a praia, em forma humana, vestido de mouro, com roupas opulentas, também vermelhas. Ao chegar o barco do Xeque, Baco/Mouro o recebe. Os dois se abraçam, e beijam-se em saudação.

BACO - *(canta)*
 Já das nações na costa moradoras
 correndo a fama veio que
 roubadas foram por estes homens que passavam,
 que com pactos de paz sempre ancoravam.
 E sabe, além do mais, como entendido tenho
 destes cristãos sanguinolentos,
 que quase todo o mar têm destruído
 com roubos,
 com incêndios violentos.
 E também sei que tem determinado
 de vir por água a terra muito cedo

o capitão dos seus acompanhado,
 que da tensão danada nasce o medo.
 Tu deves de ir também co'os teus armado
 esperá-lo em cilada, oculto e quedo;
 porque, saindo a gente descuidada,
 cairão facilmente na emboscada.

Durante um momento, o Xequê olha para Baco, imóvel, misterioso.

Baco espera.

Repentinamente, o Xequê ri alto, abraça Baco, com mostras de grande gratidão.

A luz cai em resistência.

A música muda.

No mar, Vasco, Paulo e Nicolau, de pé sobre um batel, avançam da nau para a praia.

Outros dois batéis ladeiam o de Vasco, cheios de soldados/marinheiros.

Na praia, alguns mouros passeiam de um lado para outro, armados de escudos, lanças curtas, alfanjes, arco e flecha, brandindo as armas e gritando provocações.

HASAN - Masihi kalb! (*Cristão cachorro!*)

AJIB - Hein! Manhus! (*Traidor! Maldito!*)

BASIM - Eben charmuta! (*Filho da puta!*)

ALI - Mwassah! (*Sujo!*)

À medida que avançam os batéis portugueses, vão se juntando mais mouros na praia, prontos para a guerra.

Já próximo da praia, Vasco levanta o braço numa saudação.

VASCO - (*grita*) Paz! Paz!

Os mouros se olham e em uníssono se lançam para o mar, ao ataque.

Grande combate.

(“Eis nos batéis o fogo se levanta
 na furiosa e dura artilharia,
 a plúmbea péla mata, o brado espanta,
 ferido o ar retumba e assovia:
 o coração dos mouros se quebranta,

o temor grande o sangue lhe resfria.
 Já foge o escondido de medroso,
 e morre o descoberto aventureiro.
 Não se contenta a gente portuguesa,
 mas seguindo a vitória estrei e mata:
 a povoação, sem muro e sem defesa,
 esbombardeia, acende e desbarata.”)

Camões circula entre os combatentes, não percebido por eles.

Na penumbra vermelha pós-batalha, quando o último mouro sobrevivente sai de cena, Vasco e os seus homens retornam à nau.

Camões circula entre os corpos de mouros mortos na praia.

CAMÕES - (*canta*)

No mar tanta tormenta,
 e tanto dano,
 tantas vezes a morte apercebida!
 Na terra tanta guerra,
 tanto engano,
 tanta necessidade aborrecida!
 Onde pode acolher-se um fraco humano,
 onde terá segura a curta vida,
 que não se arme e se indigne o Céu sereno
 contra um bicho da terra tão pequeno?

VASCO - (*canta, subindo à nau*)

Ó grandes e gravíssimos perigos!
 Ó caminho de vida nunca certo!
 Ó pérfida, inimiga e falsa gente!
 Quem poderá do mal aparelhado
 livrar-se sem perigo sabiamente,
 se lá de cima a guarda soberana
 não acudir à fraca força humana?

No meio da nau ele abre os braços para o céu e se ajoelha.

Os homens todos se ajoelham com ele, com fragor.

VASCO - (*canta*)

E, se te move tanto a piedade
 desta mísera gente peregrina,
 nalgum porto seguro de verdade
 conduzir-nos já agora determina,
 ou nos amostra a terra que buscamos,
 pois só por teu serviço navegamos.

Um close gigantesco do rosto de Vênus, muito maior que a nau, voa nas projeções circulando pelo espaço.

Os homens não vêem a deusa.

A luz da caravela se apaga.

Resta apenas um foco sobre Vasco, que continua rezando, introvertido.

Sem ser percebido, Baco, em forma humana, entra no foco de luz de Vasco.

Só Baco enxerga quando Vênus encontra Júpiter na projeção.

VÊNUS - *(canta)*

Sempre eu cuidei,
 ó Padre poderoso,
 que para as coisas que eu do peito amasse,
 tu fosses brando, afável e amoroso,
 mesmo que algo contrário lhe pesasse.
 Mas, pois que contra mim te vejo iroso,
 sem que eu merecesse,
 nem te errasse,
 faça-se como Baco determina:
 aceitarei, enfim, que fui mofina.
 Este povo que é meu,
 por quem derramo as lágrimas que em vão caídas vejo,
 quantos males lhe trago, porque o amo,
 sendo tu tanto contra o meu desejo!
 Por ele
 a ti rogando
 choro e bramo,
 e contra minha sorte enfim pelejo.
 Ora,

se porque o amo é mal tratado,
se mal lhe quiser será preservado.

*Júpiter leva um momento para entender o tortuoso argumento de Vênus, que chora em seu peito.
Baco espera ansioso a resposta do deus.*

JÚPITER - (*canta*)
Formosa filha minha,
não temais perigo algum nos vossos Lusitanos,
nem que ninguém comigo possa mais,
que esses chorosos olhos soberanos.
Que eu vos prometo, filha,
que vejais os vossos mores coisas atentando,
novos mundos ao mundo irem mostrando.

No barco, Baco morde a mão, engolindo a própria fúria.

CORO - (*canta, muito suave, quase sussurrado*)
Os lusos mores coisas atentando
novos mundos ao mundo irão mostrando.

*Vasco levanta a cabeça para o céu, sem perceber a projeção dos deuses.
Baco se ajoelha ao lado dele e pousa a mão sobre o peito de Vasco.*

JÚPITER - (*canta*)
Vereis a terra, que a água lhe tolhia,
que inda há-de ser um porto mui decente,
em que vão descansar da longa via
as naus que navegarem do Ocidente.

CORO - (*canta, muito suave, quase sussurrado*)
Os lusos mores coisas atentando
novos mundos ao mundo irão mostrando.

*Vasco se contrai sentindo doer o coração.
Segura o peito, pousando a mão sobre a mão de Baco.*

JÚPITER - Também vereis o mar fervendo aceso
 co'os incêndios dos vossos pelejando,
 levando o Idólatra e o Mouro preso,
 de nações diferentes triunfando
 e das ilhas mais remotas do Oriente.
 Ser-lhe-á todo o Oceano obediente.

CORO - *(canta, muito suave, quase sussurrado)*
 Os lusos mores coisas atentando
 novos mundos ao mundo irão mostrando.

Vasco cai adormecido no tombadilho.

Baco permanece com a mão pousada no coração de Vasco, olhando a projeção.

JÚPITER - De modo, filha minha,
 que de jeito amostrarão esforço mais que humano,
 que nunca se verá tão forte peito,
 quanto mostra o agravado lusitano,
 mesmo que em todo o mundo, de afrontados,
 ressuscitassem todos os passados.

CORO - *(forte)*
 Mesmo que em todo o mundo, de afrontados,
 ressuscitassem todos os passados.

Baco desaparece no escuro.

Vasco fica adormecido no foco de luz.

Na projeção, o rosto de Júpiter se funde ao rosto de Vênus, gerando um rosto metade homem, metade mulher.

Esse rosto misto lentamente se funde com o rosto de Mercúrio.

A zoom abre subitamente, revelando Mercúrio de corpo inteiro, o caduceu nas mãos, asas nos pés e no capacete.

Ele voa pelo espaço e paira sobre Vasco.

MERCÚRIO - *(canta)*

Piloto para a Índia que buscais,

tu cuidaste tomar entre estes mouros.
 Mas não sucederá como pensais.
 Foge, foge, lusitano,
 da cilada que o rei malvado tece,
 por te trazer ao fim, e extremo dano.
 Foge, que o vento,
 e o céu te favorece.
 Sereno o tempo tens e o oceano,
 e outro rei mais amigo, noutra parte,
 onde podes seguro agasalhar-te.

Mercúrio faz um gesto com o caduceu e uma clara luz branca fende o escuro.

Mercúrio desaparece.

Vasco desperta, vê a luz.

VASCO - (grita) Dai velas! Dai velas!

Tudo clareia de repente, a luz branca de Mercúrio desaparece.

Sopra um grande vento.

Grande agitação e gritaria na nau: os marinheiros correm de um lado para outro, desdobram velas, escalam cordas e mastros, levantam a âncora, preparando a partida.

CONTRAMESTRE – Velas! Dai velas! Dai ao largo vento!

VASCO - (canta)

O céu nos favorece,

Deus o manda.

O mensageiro vi do claro assento

que só em favor de nossos passos anda.

Música.

A caravela se desloca e oscila sobre o mar.

Aos poucos, à música se mistura, agora mais próxima e sonora, a voz islâmica entoando versos do Alcorão.

Expandem-se o mundo islâmico em torno da nau, todos examinando, curiosos, o barco e os homens.

(“Treme a bandeira, voa o estandarte,

a cor purpúrea ao longe aparecia;
 soam os atambores e os pandeiros,
 e assim entravam ledos e guerreiros.
 Enche-se toda a praia Melindana
 da gente que vem ver a leda armada,
 gente mais verdadeira, e mais humana,
 que toda a doutra terra atrás deixada.
 Viam-se em derredor ferver as praias
 da gente, que a ver só concorre leda;
 luzem da fina púrpura as cabaiais,
 lustram os panos da tecida seda;
 em lugar das guerreiras azagaias
 e do arco, que os cornos arremeda
 da lua, trazem ramos de palmeira,
 dos que vencem, coroa verdadeira.”)

Do mar de árabes de roupas coloridas e brilhantes, destaca-se um, levantado pelos companheiros.

EMISSÁRIO - *(canta em árabe)*

Bchil Man sadri kel chi A'tel-La Bared ula Faza-e ysaiter Elaikum-wal-yakun
 Amalkun Biest he Ehterám El jamie Hata Elli E'malkun A'tel Abel. Ma Fikun
 Tfakru Ktir A'li-El Malek Badu yeji yzur el Askar Elli Habeb ychufun Men Edet
 Eyém, u HéK Iza jé men Baher Beid, men Hawa Awi Bikun Endu Afkár Ndifi u séik
 u Sléh u Ajel. *(Tirai do peito toda má desconfiança, nenhum frio temor vos impressione; que vosso
 valor e vossas obras merecem a estima de todo o mundo. E quem vos tratou mal antes, não pode ter
 elevados pensamentos. O rei virá visitar a forte armada, que ele tanto quer ver, há tantos dias. Pois
 vindo assim do mar desbaratada, do furioso vento e longas vias, aqui terá, de limpos pensamentos,
 piloto, munições e mantimentos.)*

FERNÃO MARTINS - *(canta em dueto, com o Emissário, sempre um verso depois, gerando um
 cânone bilíngüe)*

Toda a suspeita má tirai do peito,
 nenhum frio temor em vós se imprima;
 que vosso preço e obras são de jeito
 para vos ter o mundo em muita estima.
 E quem vos fez molesto tratamento,
 não pode ter subido pensamento.
 O rei visitará a forte armada,
 que ver tanto deseja, há tantos dias.

Que vindo assim do mar desbaratada,
do furioso vento e longas vias,
aqui terá, de limpos pensamentos,
piloto, munições e mantimentos.

Enquanto os dois cantam, o Rei de Melinde, cercado por sua corte, avança pela multidão, carregado sobre uma espécie de andor, coberto por um alto pálio de seda com franjas e borlas. Vasco da Gama desce da nau e avança na direção do Rei acompanhado também dos seus: Paulo da Gama, Nicolau Coelho, Fernão Martins.

(“Um batel grande e largo, que toldado
vinha de sedas de diversas cores,
traz o rei de Melinde, acompanhado
de nobres de seu reino e de senhores:
vem de ricos vestidos adornado,
segundo seus costumes e primores;
na cabeça uma fota [turbante] guarnecida
de ouro, e de seda e de algodão tecida.
Cabaia [roupa árabe] de Damasco rico e dino,
da Tíria cor [escarlata], entre eles estimada,
um colar ao pescoço, de ouro fino,
onde a matéria da obra é superada,
c'um resplendor reluze adamantino;
na cinta, a rica espada bem lavrada;
nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
cobrem ouro e aljôfar (pérolas) ao veludo.
Música traz na proa, estranha e leda,
de áspero som, horrísono ao ouvido,
de trombetas arcadas em redondo,
que, sem concerto, fazem rudo estrondo.
Não menos guarnecido o lusitano
nos seus batéis, da frota se partia
a receber no mar o melindano,
com lustrosa e lograda companhia.
Vestido o Gama vem ao modo hispano,
mas francesa era a roupa que vestia,
de cetim da adriática Veneza,
carmesi, cor que a gente tanto preza.
De botões d'ouro as mangas vêm tomadas,
onde o sol reluzindo a vista cega.
As calças soldadescas recamadas

do metal que a Fortuna a tantos nega,
 e com pontas do mesmo delicadas
 os golpes do gibão ajunta e achega.
 Ao itálico modo a áurea espada;
 pluma na gorra, um pouco declinada.
 ...“Nos de sua companhia se mostrava
 da tinta, que dá o múrice excelente
 [preto, azul marinho, violeta e vermelho],
 a vária cor, que os olhos alegrava,
 e a maneira do traje diferente.
 Tal o formoso esmalte se notava
 dos vestidos, olhados juntamente,
 qual aparece o arco rutilante
 da bela ninfa [*Iris*], filha de Taumante.
 ...“Sonoras trombetas incitavam
 os ânimos alegres, ressoando;
 dos mouros os batéis, o mar coalhavam,
 os toldos pelas águas arrojando.”)

Encontram-se a meio caminho entre a praia e a nau.

O Rei recebe Vasco da Gama com mostras de grande e genuíno carinho, abraçando e beijando o capitão, à moda árabe.

Vasco retribui com um tímido salamaleque que faz o Rei sorrir.

REI - O meu povo em mui grande estima tem, gente que de tão longe à Índia vem. E sem grandes palavras lhe oferece tudo o que destes reinos lhe cumprir. Se acaso mantimento vos carece, podeis, como nativo, me pedir. Por fama aqui mui bem já se conhece a gente lusitana, só de ouvir. E já soube que numa outra terra com gente de minha lei anda em guerra.

VASCO - Ó tu só que tiveste piedade, rei benigno, da gente lusitana, que com tanta miséria e adversidade dos mares experimenta a fúria insana; aquela alta e divina Eternidade, que o céu revolve e rege a gente humana, pois que de ti tais obras recebemos, te pague o que nós outros não podemos.

REI - O que lhe peço é que nos conte agora, as guerras famosas e excelentes contra o povo que a Maomé adora. Mas antes, valeroso capitão, nos conta, eu lhe peço, diligente, também de vossa antiga geração, e o princípio do reino tão potente.

VASCO - Mandas-me, ó rei, que cante, declarando de minha gente a grã genealogia. Não me mandas contar estranha história, mas mandas-me louvar dos meus a glória. E para

dizer tudo, temo e creio, que qualquer longo tempo curto seja. Mas, pois o mandas, tudo se te deve, irei contra o que devo, e serei breve.

(canta)

Eis aqui,
quase cume da cabeça de Europa toda,
o reino lusitano,
onde a terra se acaba e o mar começa.

CORO - *(cantam os marinheiros lusitanos)*

Eis aqui
o reino lusitano,
onde a terra se acaba
e o mar começa.

VASCO - *(canta)*

Essa foi Lusitânia,
derivada de Luso, ou Lisa,
que de Baco antigo filhos foram,
parece,
ou companheiros,
E nela então lusitanos primeiros.

(narra) Um rei, por nome Afonso, foi na Espanha, que fez aos sarracenos tanta guerra, que por armas sanguinas, força e manha, a muitos fez perder a vida e a terra. Muitos, para na guerra esclarecer-se, vinham a ele e à morte oferecer-se. Destes, Henrique, dizem que segundo filho de um rei de Hungria experimentado, Portugal houve em sorte...

A música vai cobrindo a voz de Vasco.

Anoitece.

Camões está suspenso entre céu e terra, assistindo à narrativa de Vasco.

Enquanto Camões fala, Vasco continua contando a história para o rei.

CAMÕES - Da boca do valente capitão pendendo estavam todos embebidos, quando encetou a longa narração dos altos feitos grandes e subidos. Da gente louva a antiga fortaleza, a lealdade de ânimo e nobreza. Trabalha por mostrar Vasco da Gama que essas navegações que o mundo canta não merecem tamanha glória e fama como a sua, que o céu e a terra espanta.

VASCO - (*canta*)

Esta é a ditosa pátria minha amada,
à qual se o céu me dá que eu sem perigo torne,
com esta empresa já acabada,
acabe-se esta luz ali comigo.

CORO - (*canta*)

Esta é a ditosa pátria minha amada,
à qual se o céu me dá que eu sem perigo torne,
com esta empresa já acabada,
acabe-se esta luz ali comigo.

VASCO - (*canta*)

Até que aqui no teu seguro porto,
cuja brandura e doce tratamento
dará saúde a um vivo
e vida a um morto,
nos trouxe a piedade do alto assento.
Aqui repouso,
aqui doce conforto,
nova quietação do pensamento nos deste.
E vês aqui,
se atento ouviste,
te contei tudo quanto me pediste.

CAMÕES - (*canta junto com Vasco*)

E vês aqui,
se atento ouviste,
te contei tudo quanto me pediste.
(*e de novo, sozinho, suspenso no céu*)
E vês aqui,
se atento ouviste,
te contei tudo quanto me pediste.

O céu em torno de Camões explode em fogos de artifício.

A multidão grita, vibra, os marinheiros misturados aos mouros.

Surgem mulheres que circulam com grandes bandejas douradas de frutas e comidas que se comem com a mão, e bandejas de copos de que se bebe em grandes goles.

Tapetes se estendem pelo chão, grandes almofadas, armam-se toldos coloridos.

Em dois ou três pontos diferentes, mulheres, acompanhadas por percussionistas, dançam meneando o ventre para deslumbramento dos ocidentais.

Em outros pontos, lusos e mouros disputam lutas corporais, jogam jogos de tabuleiro nos tapetes.

CAMÕES - Não sabia em que modo festejasse o Rei pagão os fortes navegantes, para que as amizades alcançasse do rei cristão, das gentes tão possantes.

A um sinal de Vasco, Gil, Domício, Fernão Veloso e Lope começam a reunir os marinheiros. Aos poucos, vão retornando à nau.

CAMÕES - Mas vendo o Capitão que se detinha já mais do que devia, e o fresco vento o convida que parta e tome asinha, os pilotos da terra e mantimento, não se quer mais deter, que ainda tinha muito para cortar do salso argento. Já do pagão benigno se despede, que a todos amizade longa pede.

Muda a música.

O Rei apresenta a Vasco o Piloto, um homem maduro.

Vasco manda que ele embarque.

Ele sobe para a caravela com Nicolau Coelho e Fernão Martins.

É logo cercado por Couto, Crispim, Silvestre, Diego, Viriato e outros marinheiros que lhe perguntam coisas.

Ele aponta direções, respondendo, e examina cordas e velas.

Vasco despede-se do rei com grandes mostras de afeição de ambas as partes.

Embarca na caravela.

Muda a música.

As luzes mudam, os mouros se dispersam e saem de cena.

A caravela paira sobre o mar e, tendo à popa o Piloto, se desloca.

Camões continua suspenso acima de toda a ação.

CAMÕES - Logo as velas dando,
para as terras da Aurora se partia,
que tanto tempo há já que vai buscando.
No piloto que leva não havia falsidade,

mas antes vai mostrando
 a navegação certa,
 e assim caminha
 já mais seguro do que dantes vinha.

A luz vai fechando cada vez mais sobre a caravela, conduzida pelo Piloto de Melinde.

CAMÕES - (*canta*)

As ondas navegavam do Oriente
 já nos mares da Índia se chegavam.

*Um close gigantesco do rubro Baco domina todo o espaço, em projeção.
 Camões flutua diante do rosto imenso.*

CAMÕES - (*canta*)

O mau Baco, porém,
 que na alma sente as venturas
 que então se preparavam à gente lusitana,
 delas digna,
 arde,
 morre,
 blasfema
 e desatina.

Vê estar todo o céu determinado
 de fazer de Lisboa nova Roma.
 Não o pode estorvar,
 pois destinado está doutro poder
 que tudo doma.

BACO - Novo remédio em terra busco e tomo: entro no úmido reino, e vou-me à corte daquele
 a quem o mar caiu em sorte.

Música turbulenta.

Turbulência de luzes e projeção de águas revoltas, de nuvens que rolam.

Baco despenca do céu para a terra.

Ao tocar no chão, explode um portentoso coro de vozes marítimas.

Camões tapa os ouvidos com as mãos e apaga-se o seu foco de luz. Ele desaparece.

(“No mais interno fundo das profundas cavernas altas, onde o mar se esconde, lá donde as ondas saem furibundas, quando às iras do vento o mar responde, Netuno mora, e moram as jucundas Nereidas, e outros Deuses do mar...
... Descobre o fundo nunca descoberto das areias ali de prata fina; torres altas se vêem no campo aberto da transparente massa cristalina: quanto se chegam mais os olhos perto, tanto menos a vista determina se é cristal o que vê, se diamante, que assim se mostra claro e radiante.”)

Baco avança.

O monstruoso Tritão entra e se arremete pelo espaço, soltando torvelinhos de fumaça aquática, girando em torno de Baco, soprando como trombeta uma grande concha que soa muito forte.

Os deuses acorrem de todos os lados.

(“Tritão, que de ser filho se gloria do Rei e de Salácia veneranda, era mancebo grande, negro e feio, trombeta de seu pai, e seu correio. Os cabelos da barba, e os que descem da cabeça nos ombros, todos eram uns limos prenhes d’água, e bem parecem que nunca brando pente conheceram; nas pontas pendurados não falecem os negros mexilhões, que ali se geram, na cabeça por gorra tinha posta uma muito grande casca de lagosta. O corpo nu, e os membros genitais, por não ter ao nadar impedimento, mas porém de pequenos animais do mar todos cobertos cento e cento: camarões e cangrejos, e outros mais que recebem de Febe crescimento, ostras, e camarões do musgo sujos, as costas com a casca os caramujos. Na mão a grande concha retorcida

que trazia, com força, já tocava;
 a voz grande canora foi ouvida
 por todo o mar, que longe retumbava.
 Já toda a companhia apercebida
 dos Deuses para os paços caminhava
 do Deus.

... Vinha o padre Oceano acompanhado
 dos filhos e das filhas que gerara;
 vem Nereu, que com Dóris foi casado,
 que todo o mar de Ninfas povoara;
 o profeta Proteu

... Vinha por outra parte a linda esposa
 de Netuno... [*Tétis*] tão formosa
 que se amansava o mar de maravilha.

Vestida uma camisa preciosa
 trazia de delgada beatilha,
 que o corpo cristalino deixa ver-se,
 que tanto bem não é para esconder-se.

Anfitrite, formosa como as flores,
 neste caso não quis que falecesse;
 o Delfim traz consigo

... Aquela [*Ino*] que das fúrias de Atamante
 fugindo, veio a ter divino estado,
 consigo traz o filho [*Melicerta*], belo Infante
 ... a bela Panopéia...

E o Deus [*Glauco*] que foi num tempo corpo humano,
 e por virtude da erva poderosa
 foi convertido em peixe

... Já finalmente todos assentados
 na grande sala, nobre e divinal;
 as Deusas em riquíssimos estrados,
 os Deuses em cadeiras de cristal...”)

Uma luz nova, submarina, revela Netuno em seu trono.

Os deuses e ninfas se juntam em torno dele.

Baco segue em sua direção.

NETUNO - Do alto céu o estava já aguardando, deuses e ninfas se maravilhando de ver que,
 percorrendo tal caminho, entre no reino d'água o rei do vinho.

BACO - Ó Netuno,
 peço-lhe, não te espantes

de Baco nos teus reinos receberes,
porque também com os grandes e possantes
mostra a Fortuna injusta seus poderes.
Vereis da desventura grandes modos.
Ouçam todos o mal, que toca a todos!
(progressivamente, vai se enfurecendo)
Ó, vós,
deuses do mar,
que não sofreis injúria alguma
em vosso reino grande,
que descuido foi este em que viveis?
Quem pode ser que tanto vos abrande os peitos,
com razão endurecidos contra os humanos
fracos e atrevidos?
Vistes, e ainda vemos cada dia,
soberbas e insolências tais,
que temo que do mar e do céu
em poucos anos
venham deuses a ser,
e nós humanos.
Vedes, o vosso mar cortando vão,
mais do que fez a gente alta de Roma.
Vedes, o vosso reino devassando,
os vossos estatutos vão quebrando.
Vós, a quem mais compete esta vingança,
que esperais?
Porque a pondeis em tardança?
Por que a mágua da injúria vós sofreis?
Injúria que se faz também a mi.
Pois aquelas grandes honras,
que sabeis que no mundo ganhei,
quando venci as terras indianas do Oriente,
todas vejo abatidas desta gente.
E por isso do Olimpo já fugi,
buscando algum remédio a meus pesares,

a ver se o apreço que no céu perdi,
por bênção acharei nos vossos mares.

Esgotado, no limite das lágrimas de fúria, Baco espera a resposta dos deuses.

(“Mais quis dizer, e não passou daqui,
porque as lágrimas já correndo a pares
lhe saltaram dos olhos, com que logo
se acendem as Deidades d’água em fogo.”)

NETUNO - A ira com que súbito alterado o coração dos deuses foi num ponto, não sofra mais conselho bem cuidado, nem dilação, nem outro algum desconto. Ao grande Éolo mandem já recado da parte de Netuno, que sem conto solte as fúrias dos ventos repugnantes! Que não haja no mar mais navegantes!

Tritão faz soar sua trombeta de concha.

Uivam ventos tumultuosos, as luzes tremem.

Os deuses dos mares se espalham por todo o espaço, em redemoinhos agitados.

(“Bem quisera primeiro ali Proteu
dizer neste negócio o que sentia,
e segundo o que a todos pareceu,
era alguma profunda profecia.
Porém tanto o tumulto se moveu
súbito na divina companhia,
que Tethys indignada lhe bradou:
‘Netuno sabe bem o que mandou’.
Já lá o soberbo Hipótades soltava
do cárcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
contra os varões audazes e animosos.
Súbito o céu sereno se obumbrava,
que os ventos, mais que nunca impetuosos,
começam novas forças a ir tomando...
Enquanto este conselho se fazia
no fundo aquoso, a leda lassa frota
com vento sossegado prosseguia,
pelo tranqüilo mar, a longa rota.”)

É noite sem lua no mundo. As estrelas cintilam.

Cansados, os marinheiros de vigia são rendidos pelo grupo do turno seguinte, o “turno da modorra”.

Sonolentos, eles se espalham pelo convés, “ bocejando a miúdo se encostavam” ... “os olhos contra seu querer abertos” ... “ remédios contra o sono buscar querem, histórias contam, casos mil referem”.

DIEGO - Ó, lá, Nuno, o que diz o enamorado?

NUNO - Com que melhor podemos, eu dizia, este tempo passar, que é tão pesado, senão com algum conto de alegria, com que nos deixe o sono carregado?

LEONARDO - Que contos poderemos ter melhores, para passar o tempo, que de amores?

Assentimento geral, risos maliciosos de antecipação.

Leonardo dedilha o alaúde.

LEONARDO – *(canta)*

Uma diz que me quer bem,
outra jura que me quer;
mas, em jura de mulher
quem crerá, se elas não crêem?

NUNO e LEONARDO – *(cantam juntos)*

Mas em jura de mulher
quem crerá se elas não crêem?

LEONARDO - Não posso não crer a Helena,
a Maria, nem Joana,
pois não sei qual mais me engana.

TODOS - *(cantam juntos)*

Pois em jura de mulher
quem crerá se elas não crêem?

DIEGO - Catarina é mais fermosa
pera mim que a luz do dia;
mas mais fermosa seria,
se não fosse mentirosa.

TODOS - *(cantam juntos)*

Pois em jura de mulher

quem crerá se elas não crêem?

CRISPIM - Catarina me mentiu
muitas vezes, sem ter lei,
e todas lhe perdoei
por uma só que cumpriu.

TODOS - *(cantam juntos)*
Pois em jura de mulher
quem crerá se elas não crêem?

NUNO - Má, mentirosa, malvada,
dizei: pera que mentis?
Prometeis, e não cumpris?
Pois sem cumprir, tudo é nada.
E quem promete, se mente,
o que perde não o sente.

TODOS - *(cantam juntos)*
Pois em jura de mulher
quem crerá se elas não crêem?

DOMÍCIO - Jurou-me aquela cadela
de vir, pela alma que tinha;
enganou-me; tinha a minha,
deu-lhe pouco de perdê-la.
A vida gasto após ela.

TODOS - *(cantam juntos)*
Pois em jura de mulher
quem crerá se elas não crêem?

VIRIATO - *(soltando a voz lá do alto da gávea)*
Tudo vos consentiria
quanto quisésseis fazer,
se esse vosso prometer
fosse por *me ter* um dia.

TODOS - *(cantam juntos, misturando risos pelo duplo sentido dos versos de Viriato)*
Pois em jura de mulher
quem crerá se elas não crêem?

FERNÃO VELOSO - Prometeu-me ontem de vir,
nunca mais apareceu;

creio que só prometeu
para poder me mentir.

TODOS - *(cantam juntos)*
Pois em jura de mulher
quem crerá se elas não crêm?

LEONARDO - Faz-me, enfim, chorar e rir:
rio quando me promete,
mas choro quando me mente.

FERNÃO VELOSO - Não me parece seja coisa justa tratar branduras com tanta aspereza. Que o trabalho do mar, que tanto custa, não é de amores, nem delicadeza. Antes de guerra fêrvida e robusta o nosso canto seja, pois dureza nossa vida há de ser, segundo entendo.

DIEGO - Venha lá um verso de dor, socorrendo!

O Contramestre sopra seu apito agudo, e caminha entre os marinheiros que se põem alertas.

Envolvidos no canto, eles não avaliaram adequadamente a agitação do mar.

A caravela oscila de um lado para outro.

O ruído do mar começa a soar forte.

CONTRAMESTRE – Eis pois que o vento já vem refrescando. Alerta homens duma e doutra banda. Tu, tu, tu e tu, sus, sus, despertando! *(ordena a Crispim)* Os traquetes da gávea sobe e abranda.

Crispim obedece e escala uma corda.

Aumenta o zunir do vento, o bater do mar.

A caravela se sacode com uma onda mais forte.

Os marinheiros se agitam.

Um raio rimbomba cortando o escuro.

CONTRAMESTRE - Alerta, alerta, estai, que o vento cresce daquela nuvem negra que aparece.

Outro raio quase em seguida, e a caravela se sacode ainda mais perigosamente.

CONTRAMESTRE – *(alarmado)* Amaina, amaina, amaina a grande vela! Não esperem o vento dando nela!

O vento uiva muito forte.

Outros marinheiros sobem pelo cordame.

Repentinamente, a vela se rasga de alto abaixo, trazendo consigo dois ou três marinheiros que despencam agarrados aos farrapos, gritando.

O barco se sacode. Frigor de águas.

(“Não eram os traquetes bem tomados,
quando dá a grande e súbita procela
... Não esperam os ventos indinados
que amainassem; mas juntos dando nela,
em pedaços a fazem, com um ruído
que o mundo pareceu ser destruído.
O céu fere com gritos nisto a gente,
com súbito temor e desacordo,
que, no romper da vela, a nau pendente
toma grã suma d'água pelo bordo.”)

CONTRAMESTRE – *(muito alarmado)* Toma grã soma d'água pelo bordo! Vão outros dar à bomba, não cessando. Alija tudo ao mar, não falte acordo! À bomba, que nos estamos afundando!

Grande correria de marinheiros.

O escuro se enche de gritos, vindos de todas as partes.

(“Correm logo os soldados animosos
a dar à bomba; e, tanto que chegaram,
os balanços que os mares temerosos
deram à nau, num bordo os derribaram.
Três marinheiros, duros e forçosos,
a menear o leme não bastaram;
talhas lhe punham duma e doutra parte,
sem aproveitar dos homens força e arte.
Os ventos eram tais, que não puderam
mostrar mais força do ímpeto cruel,
se para derribar então vieram
a fortíssima torre de Babel.
Nos altíssimos mares, que cresceram,
a pequena grandura dum batel
mostra a possante nau, que move espanto,

vendo que se sustém nas ondas tanto.”)

Vasco da Gama surge no convés.

GIL - Capitão, a nau de Paulo da Gama, quebrado leva o mastro pelo meio. Quase toda alagada: a gente chama aquele que a salvar o mundo veio. Não menos gritos vão ao ar derrama toda a nau de Coelho, com receio. As velas, porém, teve o mestre o tento de amainar antes que desse o vento.

Em meio à portentosa tempestade que ameaça destruir a armada portuguesa, Camões caminha sobre as águas, sereno, intenso.

CAMÕES - Agora sobre as nuvens os subiam
as ondas de Netuno furibundo.
Agora a ver
parece que desciam
as íntimas entranhas do Profundo.
Noto! Austro! Bóreas! Áquilo!
Os ventos, parece, todos
queriam arruinar a máquina do mundo.
Vendo Vasco da Gama
que tão perto do fim
de seu desejo se perdia,
vendo ora o mar até o inferno aberto,
ora com nova fúria ao céu subia,
confuso de temor,
da vida incerto,
onde nenhum remédio lhe valia,
chama aquele remédio santo e forte,
que o impossível pode, desta sorte:

Camões indica Vasco com um gesto. Fecha os olhos e murmura junto com Vasco.

VASCO e CAMÕES - (*Vasco agarrado às cordas, bradando ao alto céu tormentoso*)

Divina Guarda,
angélica,

celeste,
 que os céus, o mar e terra senhoreias,
 que refúgio nos deste no passado,
 se temos novos modos perigosos
 no fim de tantos casos trabalhosos,
 por que somos de ti desamparados,
 se este nosso trabalho não te ofende,
 mas antes teu serviço só pretende?

(“Assim dizendo, os ventos que lutavam
 como touros indômitos bramando,
 mais e mais a tormenta acrescentavam
 ... Relâmpados medonhos não cessavam,
 feros trovões, que vêm representando
 cair o céu dos eixos sobre a terra...”)

Subitamente, em meio à fúria da tempestade, Camões sobe no ar.

CAMÕES - A deusa que no céu tudo escutava, logo que o mar e a cara armada vira, tocada fundo
 foi de medo e de ira.

Atrás do Camões flutuante, acende-se a projeção gigante do rosto de Vênus.

VÊNUS - Estas obras de Baco são,
 por certo, eu sei.
 Mas não será que avante leve
 tão danada tenção,
 que descoberto me será sempre
 o mal a que se atreve.

*A figura de Vênus se desmancha em mulheres diversas, nuas, sensuais, risonhas, provocantes
 ninfas povoando os ares, coroadas de rosas coloridas sobre os longos cabelos de muitas cores.*

CAMÕES - Ordena então às ninfas amorosas, grinaldas nas cabeças pôr de rosas. E com amores então abrandar os ventos em nojosa companhia, mostrando-lhe as amadas ninfas belas, que mais formosas vinham que as estrelas.

As ninfas voam e sua imagem se desmancha em rastos de movimento sem forma, como um registro gráfico, visual, de ventos soprando.

O som do vento começa a se abrandar, a caravela se estabiliza aos poucos.

De olhos fechados, concentrado, Camões vai baixando para o mar.

CAMÕES - (*sussurra*)

Assim foi...

Assim foi...

À medida que ele desce, a tempestade se abranda.

O close de Vênus torna a surgir, ténue e distante agora, embora gigantesco. E sorri.

CAMÕES - ...assim que os ventos à vista delas, logo lhes falecem as forças com que dantes pelejaram, e já como rendidos lhe obedecem. Os pés e mãos, parece, lhes ataram.

Camões pousa no mar, acena para a deusa que desaparece.

CAMÕES - Desta maneira as ninfas amansaram subitamente os outros amadores. E logo à linda Vênus se entregaram, amansadas as iras e os furores.

Amanhece.

Na caravela há apenas um homem visível: o jovem Viriato quase dormindo no cesto da gávea.

Camões faz um gesto na direção dele, o jovem desperta de um salto e olha ao longe.

CAMÕES e VIRIATO - Terra à vista! Terra à vistaaaaaa!

Os homens acorrem todos ao convés.

Camões se retira, pensativo, sai de cena.

Vasco, Nicolau e Paulo da Gama correm para a proa, onde já está o Piloto melindano.

VASCO - Que terra é esta? Sabes, melindano?

PILOTO - *(com forte sotaque árabe, mas em português)*

Terra de Calecute, se não engano. Esta decerto terra que buscais. A verdadeira Índia, é, sim, parece.

PAULO - *(para Vasco, carinhoso)* Vosso trabalho longo aqui fenece!

Ouve-se a primeira melodia indiana, marcada pela percussão das tablas crescendo aos poucos.

Vasco da Gama abre os braços, lança no ar um brado de alívio e cai de joelhos.

A música explode, brilhante.

Os marinheiros gritam todos de alegria, dependurados de toda a caravela.

6

A VIAGEM

Índia

Camões surge, flutuando muito alto, do lado onde se verá a terra da Índia.

CAMÕES - (*canta*)

Ora, sus,
gente forte,
que na guerra quereis levar a palma vencedora!
Já sois chegados,
já tendes diante a terra de riquezas abundante!
Vós, portugueses,
poucos quanto fortes,
que o fraco poder vosso não pesais,
além do Indo jaz,
e aquém do Gânges,
um terreno muito grande e assaz famoso.
Jugo de reis diversos
o constringe a várias leis:
alguns o vicioso Maomé;
outros, ídolos adoram;
alguns os animais, que entre eles moram.
Aqui de outras cidades,
sem debate,
Calecute tem a ilustre dignidade
de cabeça de império rica e bela.
Samorim se intitula o senhor dela.

Enquanto ele fala, Vasco, Paulo e Nicolau, muito alertas e concentrados, passam instruções a Pero de Alenquer.

Pero de Alenquer sai na direção da terra, ruidosamente saudado pelos marinheiros que ficam na nau.

À medida que Pero de Alenquer avança, muito cauteloso, escondendo o temor sob a aparência de altivez, vai-se juntando o povo indiano em torno dele: homens e mulheres pardos, usando apenas panos muito coloridos cobrindo as partes, pinturas pelo corpo, flores nos cabelos. No meio da multidão que observa, curiosa e sussurrante, surge um mouro bérbere vital e alegre, acompanhando Pero entre as pessoas.

MONÇAIDE – Al diablo que te doo! Quen te traxo acá? De do venís? D’Espanña?

PERO - Portugal.

MONÇAIDE – *(caminha ao lado de Pero, saudando à moda árabe)* Yo soy Monçaide, en África nascido.

PERO - *(pequena mesura tímida)* Pero Alenquer.

MONÇAIDE - Soy por fé maometano. Faz muito tempo ya, he percorrido Espanha e o seu reino luzitano. Hombre! Quién te trouxe a estoutro mundo, tão longe da tua pátria Lusitana?

PERO - Abrindo com bravura o mar profundo, por onde nunca veio gente humana, vimos buscar do Indo a grã corrente, para que a lei divina se acrescente.

Cresce o alarido da multidão.

Os nativos falam com Monçaide, na língua malayalam da região de Malabar, curiosos com o forasteiro.

Oferecem frutas, comidas, bebidas, flores.

Monçaide pega uma fruta e oferece a Pero, que aceita, desconfiado. Alguns nativos insistem com gestos para que coma. Ele come. Há risos e exclamações. Pero se solta um pouco mais.

Em cortejo, seguidos da multidão cada vez mais ruidosa, voltam para a nau.

O Capitão Vasco da Gama recebe o mouro de braços abertos.

MONÇAIDE – *(canta)*

Ó, gente tão longínqua,
que a natura fez vizinha
de mi paterno ninho,
que destino tán grande
o qué ventura
vos trouxe a percorrerdes tal caminho?
Sabei que estais en Índia,
onde se estende diverso povo,

rico e prosperado
de ouro luciente e fina pedraria,
cheiro suave,
ardente especiaria.

Monçaide vai para a amurada do navio, seguido de Vasco, Paulo e Nicolau, os marinheiros reunidos, olhando.

A multidão continua a aumentar, formando uma amostragem da vida indiana.

Surge um cortejo religioso, com monges vestidos de alaranjado, homens santos inteiramente nus, cobertos de cinzas, imagens de deuses-animais, andores de flores, cheiros, fumaças.

MONÇAIDE – *(indicando a multidão com um gesto)* Esta província, cujo porto agora tomado tendes, Malabar se chama: do culto antigo os ídolos adora, que cá por estas partes se derrama. A lei da gente toda, rica e pobre, de fábulas composta se imagina. Dois modos há de gente, porque a nobre Naires chamados são, e a menos digna Poleás tem por nome, a quem obriga a lei não misturar a casta antiga. Brâmenes são os seus religiosos, nome antigo e de grande proeminência. Não matam coisa viva, e, temerosos, das carnes têm grandíssima abstinência. Somente no venéreo ajuntamento têm mais licença e menos regimento. Gerais são as mulheres, mas somente para os da geração de seus maridos. *(suspira)* Ditosa condição, ditosa gente, que não são de ciúmes ofendidos!

Riem os portugueses junto com o árabe amistoso e aberto.

Entre o povo, avança um pátio de seda cobrindo uma espécie de andor ornamentado de flores, carregado por quatro homens, precedido por um pequeno grupo musical do qual, por enquanto, só os címbalos tocam, marcando os passos.

Ao lado, marcha um homem sombrio, soturno, muito altivo. É o Catual.

CATUAL - *(em malayalam)* O senhor Samorim mandou buscar o Capitão da armada que chegou. Já tem licença para desembarcar, acompanhado de seus homens, sem mais demora.

MONÇAIDE – *(para Vasco)* Diz ele que do rei já tem licença para desembarcar, acompanhado dos nobres portugueses, sem detença.

Vasco faz um sinal de concordância para o Catual.

O Catual faz um sinal à pequena orquestra, que começa a tocar uma estridente melodia.

O povo todo reage à celebração.

Vasco troca o gibão por outro, muito luxuoso e rico.

Gil, Fernão Martins, Fernão Veloso, Pero Alenquer e Domício, todos vestidos com riqueza, já estão descendo da nau.

Vasco e Monçaide juntam-se a eles.

Paulo e Nicolau ficam a bordo com os demais, observando.

Vasco se acomoda no andor florido que é carregado pelo homens e saem em cortejo, a música tocando, acompanhados de toda a multidão em festa.

Os nativos vão tocando nos forasteiros, examinando suas roupas, a pele, os cabelos, as armas.

Alguém canta em malayalam.

(“Das cores a formosa diferença
 a vista alegre ao povo alvoroçado.
 Na praia [o] ... regedor do reino ...
 rodeado de Naires, que esperava
 com desusada festa o nobre Gama.
 Já na terra, nos braços o levava,
 e num portátil leito uma rica cama
 lhe oferece, em que vá, costume usado,
 que nos ombros dos homens é levado.
 Desta arte o Malabar, destarte o Luso
 caminham, lá para onde o rei o espera:
 os outros portugueses vão ao uso
 que infantaria segue, esquadra fera.
 O povo que concorre vai confuso
 de ver a gente estranha, e bem quisera
 perguntar: mas no tempo já passado
 na torre de Babel lhe foi vedado.
 O Gama e o Catual iam falando
 nas coisas, que lhe o tempo oferecia;
 Monçaide entre eles vai interpretando
 as palavras que de ambos entendia.
 Assim pela cidade caminhando,
 onde uma rica fábrica se erguia
 fe um sumptuoso templo, já chegavam,
 pelas portas do qual juntos entravam.
 Ali estão das deidades as figuras
 esculpidas em pau e em pedra fria;
 vários de gestos, vários de pinturas,
 a segundo o Demônio lhe fingia:

vêm-se as abomináveis esculturas,
qual a Quimera em membros se varia:
os Cristãos olhos, a ver deus usados
em forma humana, estão maravilhados.
Um na cabeça cornos esculpidos,
qual Júpiter Amon em Líbia estava;
outro num corpo rostos tinha unidos,
bem como o antigo Jano se pintava;
outro com muitos braços divididos
a Briareu parece que imitava;
outro fronte canina tem de fora,
qual Anúbis Menfítico se adora.
Aqui feita do bárbaro gentio
a supersticiosa adoração,
direitos vão, sem outro algum desvio,
para onde estava o rei do povo vão.
Engrossando-se vai da gente o fio,
com os que vêm ver o estranho Capitão;
estão pelos telhados e janelas
velhos e moços, donas e donzelas.
Já chegam perto, e não com passos lentos,
dos jardins odoríferos formosos,
que em si escondem os régios aposentos,
altos de torres não, mas sumptuosos.
Edificam-se os nobres seus assentos
por entre os arvoredos deleitosos:
assim vivem os reis daquela gente,
no campo e na cidade juntamente.
Pelos portais da cerca a sutileza
se enxerga da Dedálea facultade,
em figuras mostrando, por nobreza,
da Índia a mais remota antigüidade.
Afiguradas vão com tal viveza
as histórias daquela antiga idade,
que quem delas tiver notícia inteira,
pela sombra conhece a verdadeira.”)

O pequeno cortejo atravessa o portal de um templo e a multidão súbito desaparece.

A música muda.

O cortejo de portugueses está diante de uma parede coberta de antigas esculturas em baixo-relevo que parecem refulgir com luz própria.

Os portugueses olham, deslumbrados.

CATUAL - *(canta, com amargura)*
 Tempo cedo virá que outras vitórias
 estas, que agora olhais, abaterão.
 Aqui se escreverão novas histórias
 por gentes estrangeiras que virão.
 Isso os sábios magos enxergaram
 quando o tempo futuro especularam.
 Disse inda mais a mágica ciência
 que, para se evitar força tamanha,
 não valerá dos homens resistência,
 que contra o céu não vale humana manha.

A música muda.

A parede se apaga subitamente e acende-se a sala do trono no lado oposto.

Quatro altos degraus de ouro maciço formam um alto estrado, sobre o qual, recostado em luxuosos tapetes e almofadas orientais, está o Samorim “aquele potente imperador” ... “venerando e próspero senhor, um pano de ouro cinge, e na cabeça de preciosas gemas se adereça”.

Acima dele uma espécie de guarda-sol bordado de pedras preciosas.

Em volta, criados, mulheres, bacias de ouro e prata repletas de flores, bandejas de frutas, varetas de incenso queimando, chás aromáticos.

Os portugueses chegam. São mantidos à distância pelo brâmane que atende o Imperador.

Só Vasco avança e saúda o grande monarca oriental.

*(“Um brâmene, pessoa proeminente,
 para o Gama vem com passo brando,
 para que ao grande Príncipe o apresente,
 que diante lhe acena que se assente.
 Sentado o Gama junto ao rico leito,
 os seus mais afastados, pronto em vista
 estava o Samori[m] no traje e jeito
 da gente, nunca de antes dele vista.
 Lançando a grave voz do sábio peito,
 que grande autoridade logo aquista
 na opinião do rei e do povo todo,
 o Capitão lhe fala deste modo:”)*

VASCO - Um grande rei,
 de grande majestade,
 vínculo quer contigo de amizade.
 Por longos rodeios a ti me manda,
 por te fazer saber que tudo aquilo
 que sobre o mar,
 que sobre as terras anda,
 riquezas lá do Tejo até Etiópia,
 tudo tem no seu reino em grande cópia.
 E se queres com pactos
 e alianças de paz
 e de amizade sacra e nua
 comércio consentir das abastanças
 das riquezas da terra sua e tua,
 de vossos reinos,
 será certamente de ti proveito,
 e dele glória ingente.
 Da vontade que tens sobre isto posta
 me dê a mim certíssima resposta.

SAMORIM - *(pausadamente, com grande cerimônia, fumando o narguilé entre uma frase e outra)*
 Ter cá embaixadores de nação tão remota, grã glória considero.
 Mas neste caso a última tenção é cos de meu conselho que pondero,
 informando-me certo de quem é o rei, e a gente, e terra de que procedeis.
 E, por enquanto, podeis do trabalho passado ir repousar,
 e em tempo breve darei a seu despacho um justo talho,
 com que a seu rei resposta alegre leve.

Ele faz um leve aceno ao brâmane e logo sai sem ser notado.

A uma ordem do brâmane, entra uma orquestra indiana já tocando, e bailarinas que dançam, cercando os portugueses.

Sai o brâmane, discreto.

Uma mulher canta, outra dança, enquanto as outras despem os portugueses para massageá-los, coisa absolutamente desconhecida para eles.

O Catual aproveita a comoção e também se retira discretamente.

A luz cai sobre os portugueses em festa.

O Catual caminha até outro ponto do espaço, e encontra Monçaide comendo.

CATUAL - Está o rei, Monçaide, desejoso de poder se informar da gente nova. Já lhe pergunta pronto e curioso, se tem notícia inteira e certa prova dos estranhos quem são; pois adivinha que é gente de sua pátria mui vizinha.

MONÇAIDE – De peito aberto, mesmo que eu quisesse dizer-te disto mais, não saberia. Somente sei que é gente lá de Espanha, onde o meu ninho, e o sol no mar se banha. Têm a lei dum profeta, que gerado foi sem pôr na mãe carnal detrimento. O que entre meus antigos é falado deles, é que o valor sanguinolento das armas no seu braço resplandece, o que em nossos passados aparece. Porque eles, com virtude sobre-humana, os baniram dos campos abundosos do rico Tejo até a africana parte. Cortando os mares procelosos, não nos querem deixar viver seguros, tomando-nos cidades e altos muros. E se esta informação não for inteira tanto quanto convém, deles procura informar-te, que é gente verdadeira, a quem mais falsidade enoja e ofende: vai ver-lhe a frota, as armas e a maneira do canhão de metal, que tudo rende.

CATUAL - Pois vou.

E vai.

Música.

Monçaide volta a comer, a luz se apaga sobre ele.

O Catual vai até a nau.

É recebido com honras por Paulo da Gama e Nicolau Coelho.

Crispim e Silvestre já estão a postos, oferecendo vinho um, comida o outro.

O Catual recusa.

Seu interesse se concentra nas imagens da uma grande tapeçaria, estendida entre mastros no convés, na qual se vêem pintados os reis de Portugal.

A tapeçaria parece refulgir com luz própria.

CATUAL - Quem eram essas figuras pintadas? Se não são deuses, certo são sagradas.

PAULO - *(canta)*

Estas figuras todas que aparecem,
bravos em vista e feros nos aspectos,
mais bravos e mais feros se conhecem,
pela fama, nas obras e nos feitos.

NICOLAU - Antigos são,

mas ainda resplandecem.

PAULO - Este que vês é Luso.
 Por sua fama
 o nosso reino
 Lusitânia chama.
 Era filho de Baco,
 um filho humano,
 que ali quis dar aos já cansados ossos
 eterna sepultura,
 e nome aos nossos.

Ao longo da fala, Camões, invisível para os homens, passa diante da tapeçaria e vai se colocar em um foco estreito em outro ponto do espaço.

Ao terminar a fala de Paulo da Gama, Camões olha o céu.

Acende-se a gigantesca projeção do rosto vermelho de Baco.

Apaga-se a luz dos homens, só a tapeçaria reluz no escuro.

BACO - Não, não, não, não, não, não...

Apaga-se a tapeçaria.

A luz em torno de Camões se expande: ao lado dele, curvado sobre um carneiro estripado sobre um altar de sacrifício, manchado de sangue, um sacerdote mouro examina as vísceras do animal.

CAMÕES - Entretanto, os sacerdotes famosos na falsa opinião, que em sacrifícios antevêm sempre os casos duvidosos, por sinais diabólicos e indícios, por ordem do rei próprio, estudiosos, exercitavam a arte e seus ofícios. Sinal lhes mostra o Demo verdadeiro, de como a nova gente lhes seria jugo perpétuo, eterno cativo, destruição de gente, e de valia.

BACO - *(canta)*
 Guardai-vos,
 gente minha...

Ao soar a voz de Baco, o sacerdote mouro ensangüentado levanta a cabeça e olha a projeção do deus, temeroso.

Camões, ao contrário, baixa os olhos.

BACO - ...do mal que se aparelha pelo inimigo
 que pelas águas úmidas caminha,
 antes que esteis mais perto do perigo.
(o sacerdote cai de joelhos, trêmulo)
 Eu por ti, rudo, velo;
 e tu adormeces!
 Pois saberás que aqueles que chegados de novo são,
 serão muito grande dano da lei
 que eu dei ao néscio povo humano.
 Enquanto é fraca a força desta gente,
 ordena que em tudo se lhe resista.

A projeção se apaga repentinamente.

Juntos, o sacerdote mouro sai do altar, o Catual da caravela, e vão se encontrar diante do trono do Samorim.

Sacerdote e Catual conspiram, cada um sussurrando em um ouvido do Samorim, que fuma seu narguilé, aparentemente alheio.

CAMÕES - Astutas traições,
 enganos vários,
 perfídias inventavam e teciam.
 Com suborno,
 ouro,
 e dádivas secretas
 conciliam da terra os principais, e com razões notáveis e discretas mostram ser
 perdição dos naturais, dizendo ser o luso gente inquieta, que, os mares percorrendo
 ocidentais,
 vive só de piráticas rapinas,
 sem rei,
 sem leis humanas ou divinas.
 Ó quanto deve o rei que bem governa, de olhar que os conselheiros, ou privados, de
 consciência e de virtude interna e de sincero amor sejam dotados!

Entra Vasco da Gama, nos ombros um rico pano indiano sobre as roupas ocidentais.

Enquanto ele avança na direção do trono, o Sacerdote e o Catual param de falar e disfarçam.

SAMORIM - *(muito severo e grave)*

Se quiseres confessar-me a verdade limpa e nua,
perdão alcançarás da culpa tua.

Eu sou bem informado que a embaixada que de teu rei me deste,
que é fingida;

porque nem tu tens rei, nem pátria amada,
mas vagabundo vás passando a vida.

Quem há de vir cometer com naus e frotas
tão incertas viagens e remotas?

E se de grandes reinos poderosos o teu rei tem a régia majestade,
que presentes me trazes valerosos, sinais de tua incógnita verdade?

Que não são sinal nem penhor bastante as palavras dum vago navegante.

VASCO - *(controlando a indignação e a fúria)* Me mostras tu tão pouca confiança desta minha verdade, sem respeito das razões em contrário que acharias se não cresses a quem não crer devias. *(o Catual e o Sacerdote reagem)*

Porque, se eu de rapinas só vivesse, undívago, ou da pátria desterrado, como crês que tão longe me viesse buscar assento incógnito e apartado? Por que esperanças, ou por que interesse viria experimentando o mar irado? Se com grandes presentes de alta estima o crédito me pedes do que digo, eu não vim mais que a achar o estranho clima onde a natura pôs teu reino antigo. Mas, se a Fortuna tanto me sublima que eu torne à minha pátria e reino amigo, então verás o dom soberbo e rico, com que o meu retorno certifico. Esta é a verdade, rei; que não faria por tão incerto bem, tão fraco prêmio.

O Samorim pensa longamente, fumando seu narguilé, enquanto Camões diz:

CAMÕES - Vasco da Gama já mui bem sabia
que depois que levasse esta certeza,
armas,
e naus,
e gente
mandaria Manuel,
que exercita a suma alteza,

com que a seu jugo e lei submeteria das terras e do mar a redondeza.

Que ele não era mais que um diligente descobridor das terras do Oriente.

SAMORIM - Um só desejo a mim acende e atiça: bem vejo que grandíssimo proveito haverá se com verdade e justiça o contrato fizer por longos anos que me promete o rei dos lusitanos.

O Catual e o Sacerdote se inquietam.

O Samorim os cala com um gesto imperioso.

SAMORIM - Torna às tuas naus e, enfim, me manda um presente, uma amostra, uma peça, se alguma traz idônea lá da banda donde a terra se acaba e o mar começa.

Sem esperar resposta, majestoso, o Samorim levanta-se e sai.

Todos se curvam em reverência.

VASCO - Embarcação te peço, Catual, que de volta me leve à minha nau.

CATUAL - Comigo vem ao cais e prometida terás boa e sólida almadia.

Com um gesto, o Catual convoca dois guardas mouros para acompanhá-los.

Vasco e o Catual se encaminham para onde será o porto.

Ao longo do caminho, mais outros quatro guardas mouros cercarão Vasco, dois a dois, sem que ele perceba.

CATUAL - (*caminhando*) Deves, porém, adiar tua partida e aqui ficar ao menos mais um dia.

VASCO - A lealdade ao teu rei me pede que lhe traga depressa um bom sinal.

Vasco se dá conta de que está preso dentro de um quadrado formado por seis grandes guardas mouros de roupas idênticas.

VASCO - Por que razão me tolhes e me impedes de uma prenda trazer de Portugal? Pois aquilo que os reis já têm mandado não pode ser por outrem anulado.

CATUAL - Para tornar a bordo, Capitão, mais certo seria que mandasses chegar à terra as naus, que longe estão, por que melhor dali fosse e tornasse. Sinal é de inimigo e de ladrão, que lá tão longe a frota o tempo passe, pois penso que do certo e fido amigo é não temer dos seus nenhum perigo.

Vasco hesita um momento, depois tenta escapar do quadrado de guardas mouros.

Eles não se movem, Vasco se debate em vão.

VASCO - *(enfurecido)*

Os ameaços teus não temo nada!

Antes quero em mim tomar o peso

de quanto mal a vil malícia ousada andar me armando,

que pôr em ventura a frota de meu rei,

que está segura.

CATUAL - Pois manda vir tudo o que é rica prenda vendível, que trazeis, para a terra, para que devagar se troque e venda: que quem não quer comércio, busca guerra!

Apaga-se a luz. Resta apenas um foco iluminando Vasco, os guardas no escuro circundante.

Ele se debate, em dúvida e fúria.

VASCO- *(controlando-se)* Consinto, porque sei por verdade, que com as prendas compro a liberdade.

Música que suspende o tempo.

Sai da nau um batel carregado de modestos tesouros: baús de madeira e metal, barris, fardos de tecidos cor de púrpura envoltos em redes.

Em pé, à proa, vão Gil e Diego.

O barco desliza no tempo suspenso da música da nau até a praia.

Ao passarem diante de Vasco preso, Gil e Diego levantam a mão em saudação.

Da prisão do círculo de guardas, Vasco observa a lenta passagem do barco de riquezas.

CAMÕES - *(enquanto o barco vai passado, recitando sobre a música climática)*

Vêde agora o juízo curioso

que tanto no rico, como no pobre,

pode o vil interesse e sede imiga,

do dinheiro que a tudo nos obriga.

Dinheiro

que vence munidas fortalezas,

faz traidores e falsos os amigos;

que a mais nobres faz fazer vilezas,
e entrega capitães aos inimigos.

O barco é recebido na praia pelo Catual e por um grupo de criados indianos que descarrega tudo e leva embora.

Gil e Diego descem e seguem com os criados.

O Catual ordena com um gesto que os guardas libertem Vasco da Gama.

Os guardas que cercam Vasco se afastam e saem.

Menos um.

CAMÕES - Dinheiro
que corrompe virginais purezas,
e deprava às vezes as ciências,
os juízos cegando e as consciências;
que interpreta mais que sutilmente
os textos;
dinheiro
que faz e desfaz leis;
que causa os perjúrios entre a gente,
e mil vezes tiranos torna os reis.

Apaga-se a luz de Camões.

O guarda que ficou ao lado de Vasco retira o disfarce: é Monçaide.

Vasco o saúda.

MONÇAIDE – De mi desconfiança alguma guardam por ser mouro como eles. Antes era participante em quanto maquinavam: a tenção traidora, torpe, fera, e imerecida. Por isso te aviso.

VASCO - E mereces por isso o paraíso.

MONÇAIDE – Ficarão longamente na cidade, sin vender ningun bem tus feitores, que os de Catual por manha e falsidade, farão que não lha comprem mercadores. Aqui en Malabar, por bom contrato dos mouros, formosa companhia de grandes naus, pelo Índico Oceano, especiaria vem buscar cada ano. Por estas naus os mouros ora esperam, porque são mui grandes y mui possantes. Tal socorro tan cierto consideram, que querem cá

deter-vos, navegantes, durante tanto tempo, que aqui cheguem de Meca las naus, que as vossas desagreguem.

VASCO - Despacho melhor já nenhum espero de um rei que tanto os maometanos ama. Tudo que agora penso e considero é que o tempo à partida nos chama.

MONÇAIDE – Mui, mui em breve, porém, os teus feitores, prisioneiros serão desta cidade. Antes, manda prender los mercadores que por comércio e curiosidade acham-se agora em tuas naus entretidos. Por eles, mui ricos e conhecidos, devolverá o rei tudo que é teu.

Saem.

Música.

Acende-se a caravela.

No alto tombadilho, Paulo, Nicolau, Fernão Martins, o Contramestre, Pero de Alenquer, Monçaide e Vasco esperam, olhando o mar.

Num batel ao lado da caravela, dois árabes de barbas brancas, os braços amarrados.

Os marinheiros todos olham o mar das amuradas.

Grande expectativa.

Do lado oposto, surge um batel com Gil e Diego, os dois feitores, avançando para a caravela..

Os marinheiros vibram, gritam.

O batel com os árabes afasta-se do barco, na direção da terra.

Grande agitação, os marinheiros preparam a partida.

*(“... já nas naus os bons trabalhadores
volvem o cabrestante, e repartidos
pelo trabalho, uns puxam pela amarra,
outros quebram com o peito duro a barra;
outros pendem da verga, e já desatam
a vela, que com grita se soltava...”)*

NICOLAU - Enfim!

O batel chega à caravela, Gil e Diego sobem para bordo, entregam uma carta a Vasco.

São saudados por todos.

Nicolau se emociona até as lágrimas, abraça os jovens.

VASCO - Tornou o rei a nossa gente e desculpas mandou de seus enganos.

PAULO - Recebe o meu irmão de melhor mente os presos que as desculpas.

Risos.

VASCO - Em tudo nos valeu a diligência de Monçaide fiel, que o afeto enleva!

NICOLAU - Inspirado de angélica influência, quer no livro de Cristo que se escreva!

MONÇAIDE - Tão longe de mi pátria achei maneira para subir à pátria verdadeira!

Vasco abraça o mouro.

Os outros, todos, abraçam um a um o mouro sorridente e Vasco ordena.

VASCO - É hora, Contramestre, de ordens dar.

CONTRAMESTRE – *(sopra o apito, depois grita)* Alerta, todos, eia! Velas ao vento daaar!
Âncoras pesadas, adereçaaar! Às cordas, marinheiros! Viriato à gávea! Alerta, sus,
sus!

Dispensam-se os homens, e correm, ocupados com as tarefas da partida.

A música se mistura à gritaria dos marujos, a caravela se desloca.

Vasco chega à amurada e olha a Índia.

Camões surge a seu lado e observa Vasco que observa a Índia.

CAMÕES - *(baixo, sereno, já quase uma memória)*

Vasco da Gama, o forte capitão, que a tamanhas empresas se oferece, de soberbo e
de altivo coração, a quem Fortuna sempre favorece.

(canta)

Parte

porque essa terra que se estende pela Aurora,

sabida já deixais,

com novas tais tornando à pátria cara,

certos sinais levando do que achara.

7

A ILHA DOS AMORES

CORO - Outra vez cometendo os duros medos
do mar incerto, tímidos e ledos,
o prazer de chegar à pátria cara
para contar a peregrina e rara
navegação

navegação

navegação

navegação

navegação

Sobre a base do coro, os marinheiros cantam em duplas (a serem definidas pelo maestro).

CRISPIM e SILVESTRE - Apartadas assim
da ardente costa
as venturosas naus,

COUTO e VIRIATO - Levando a proa
para onde a natureza tinha posta
a meta toda da esperança boa,

DIEGO e DOMÍCIO - Levando alegres novas e resposta
da parte oriental para Lisboa,

CORO - Outra vez cometendo os duros medos
do mar incerto, tímidos e ledos,
o prazer de chegar à pátria cara
para contar a peregrina e rara
navegação

navegação

navegação

navegação

navegação

GIL e NUNO - O prazer de chegar à pátria cara,
a seus altares caros e contentes,

PERO E LEONARDO - Para contar a peregrina e rara
navegação,
os vários céus e gentes,

CRISPIM e SILVESTRE - Lograr o prêmio da Fortuna avara
por tão longos trabalhos e acidentes,
cada um tem por gosto tão perfeito,
que o coração no peito é vaso estreito.

CORO - Outra vez cometendo os duros medos
do mar incerto, tímidos e ledos,
o prazer de chegar à pátria cara
para contar a peregrina e rara
navegação
navegação
navegação
navegação

Enquanto eles cantam, suavemente anoitece.

Camões olha no céu a estrela-d'alva, a primeira que aparece, que é o planeta Vênus.

CAMÕES - (*clama à estrela*)
Vós,
que do padre eterno
ordenada sois para favor dos lusitanos,
ó Vênus bela,
por bom gênio dada...

Atendendo a Camões, a estrela-d'alva se transforma num close do grande rosto da deusa Vênus, sorridente no céu noturno.

CAMÕES - Bem vês as lusitânicas fadigas...
Buscai-lhe algum deleite, algum descanso no reino de cristal, líquido e manso.

VÊNUS - Parece-me razão que contas preste do amor.
Do amor por cuja potestade

os deuses faz descer ao vil terreno
e os humanos subir ao céu sereno.

CAMÕES - Muito bem resolvido!

VÊNUS - E porque das insídias do odioso Baco
foram na Índia molestados,
e das injúrias só do mar undoso
puderam mais ser mortos que cansados,
no mesmo mar,
que sempre temeroso lhes foi,
quero que sejam repousados.

CAMÕES - Sim...

VÊNUS - Determino de ter-se aparelhada
ali no meio das águas,
uma boa ilha divina...

A luz se acende no ponto do espaço onde será a ilha.

(“Três formosos outeiros [*montes*] se mostravam
erguidos com soberba graciosa,
que de gramíneo esmalte se adornavam.
Na formosa ilha alegre e deleitosa,
claras fontes o límpidas manavam
do cume, que a verdura tem viçosa...
Num vale ameno, que os outeiros fende,
vinham as claras águas ajuntar-se,
onde uma mesa [*planalto*] fazem, que se estende
tão bela quanto pode imaginar-se;
arvoredo gentil sobre ela pende...
... Mil árvores estão ao céu subindo,
com pomos odoríferos e belos:
a laranjeira tem no fruto lindo
a cor que tinha Dafne nos cabelos;
encosta-se no chão, que está caindo,
a cidreira com os pesos amarelos;
os formosos limões ali, cheirando,
estão virgíneas tetas imitando.
As árvores agrestes que os outeiros têm ...
alemos [*álamos*] ... e os loureiros
... mirtos ... com os pinheiros ...

As cerejas purpúreas na pintura,
 as amoras, que o nome têm de amores,
 o pomo que da pátria Pérsia veio [*persicum*=pêssego]
 ... Abre a romã, mostrando a rubicunda
 cor, com que tu, rubi, teu preço perdes ...
 a vide, com uns cachos roxos e outros verdes
 ... pêras piramidais ...
 o lírio roxo, a fresca rosa bela ...
 cândida cecém [*açucena*] ... e a manjarona.
 ... Bem se enxerga nos pomos e boninas
 que competia Cloris com Pomona.
 Pois se as aves no ar cantando voam,
 alegres animais o chão povoam.
 Ao longo da água o néveo cisne canta,
 responde-lhe do ramo filomela ...
 aqui a fugace lebre se levanta
 da espessa mata, ou tímida gazela;
 ali no bico traz ao caro ninho
 o mantimento o leve passarinho.”)

CAMÕES - E ali?

VÊNUS - Que as aquáticas donzelas
 esperem os fortíssimos varões.
 Todas as que têm título de belas.

CAMÕES - Glória dos olhos, dor dos corações...

Enquanto Camões e a deusa conversam, surgem as Ninfas correndo pelo espaço, com risos cristalinos, levando longas guirlandas de flores nas mãos.

VÊNUS - Ali,
 com mil refrescos e manjares,
 com vinhos odoríferos e rosas.

CAMÕES - Bom!

VÊNUS - E com mil deleites não vulgares,
 os esperem as ninfas amorosas,
 de amor feridas,
 para lhes entregarem quanto delas
 os olhos cobiçarem.

CAMÕES - Melhor!
 VÊNUS - Quero que haja no reino marino,
 onde nasci,
 geração forte e bela,
 que dê exemplo ao mundo vil,
 malino,
 que contra o poder do amor se rebelar.

Rola no céu claro o som de um trovão ao qual se mistura um grito de fúria.

Subitamente, acende-se o rosto vermelho de Baco por um segundo.

E recua, velocíssimo, desaparecendo no infinito.

As ninfas se sobressaltam com o trovão, mas logo retomam a alegria.

Prendem na nau as guirlandas, como cordas, e puxam a embarcação para a ilha, rindo sempre risos cristalinos, maliciosos, promissores.

(“Já todo o belo coro se aparelha
 das nereidas, e junto caminhava
 em coréias [*danças*] gentis, usança velha,
 para a ilha, a que Vênus as guiava.
 Ali a formosa Deusa lhe aconselha
 o que ela fez mil vezes, quando amava.
 Elas, que vão do doce amor vencidas,
 estão a seu conselho oferecidas.”)

A projeção de Vênus que sorri, maliciosa para Camões, dissolve-se nas cores do amanhecer.

VIRIATO - Terra! Terra à vistaaaa!

Música.

Imediatamente os marinheiros todos se lançam em direção à ilha.

Nada melhor que os versos de Camões para descrever o que acontece:

“Nesta frescura tal desembarcavam
 já das naus ...
 ... onde pela floresta se deixavam
 andar as belas deusas, como incautas.
 Algumas doces cítaras tocavam,
 algumas harpas e sonoras flautas,
 outras com os arcos de ouro fingiam
 seguir os animais, que não seguiam.

Assim lhe aconselhara a mestra experta;
 que andassem pelos campos espalhadas;
 que, vista dos barões a presa incerta,
 se fizessem primeiro desejadas.

Algumas, que na forma descoberta
 do belo corpo estavam confiadas,
 posta a artificiosa formosura,
 nuas se deixam lavar na água pura.

Mas os fortes mancebos, que na praia
 punham os pés, de terra cobiçosos ...
 de acharem caça desejosos ...

Alguns, que em espingardas e nas bestas

[arco de flecha mecânico],

para ferir os cervos se fiavam,
 pelos sombrios matos e florestas
 determinadamente se lançavam.

Outros, nas sombras ...

ao longo da água que, suave e queda,
 por alvas pedras corre à praia leda...

Começam de enxergar subitamente
 por entre verdes ramos várias cores,
 cores de quem a vista julga e sente
 que não eram das rosas ou das flores,
 mas da lã fina e seda diferente,
 que mais incita a força dos amores,
 de que se vestem as humanas rosas,
 fazendo-se por arte mais formosas.”

FERNÃO VELOSO – Senhores, mas que caça estranha é esta?!!

As ninfas riem, semi-escondidas, semi-visíveis, circulando entre os próprios homens, tontos, confusos.

DIEGO – Sigamos essas deusas, e vejamos se fantásticas são, se verdadeiras.

Os homens todos perseguem as ninfas que fingem fugir para excitá-los.

Vasco, Paulo e Nicolau misturados aos marinheiros: o amor é democrático.

Rubrica de Camões:

“Isto dito, velozes mais que gamos,

se lançam a correr pelas ribeiras.
 Fugindo as ninfas vão por entre os ramos,
 mas, mais industriosas que ligeiras,
 pouco e pouco sorrindo e gritos dando,
 se deixam ir dos galgos alcançando.
 De uma os cabelos de ouro o vento leva
 correndo, e de outra as fraldas [véus] delicadas;
 acende-se o desejo, que se ceva
 nas alvas carnes súbito mostradas;
 uma de indústria cai, e já relewa,
 com mostras mais macias que indignadas,
 que sobre ela, empecendo [*se enrolando*], também caia
 quem a seguiu pela arenosa praia.
 Outros, por outra parte, vão topar
 com as deusas despidas, que se lavam:
 elas começam súbito a gritar,
 como que assalto tal não esperavam.
 Umas, fingindo menos estimar
 a vergonha que a força, se lançavam
 nuas por entre o mato, aos olhos dando
 o que às mãos cobiçosas vão negando.
 Outra, como acudindo mais depressa
 a vergonha da Deusa caçadora [*Diana*],
 esconde o corpo n'água; outra se apressa
 por tomar os vestidos, que tem fora.
 Tal dos mancebos há, que se arremessa,
 vestido assim e calçado que, coa [*de*]mora
 de se despir, tem medo que ainda tarde
 a matar na água o fogo que nele arde.”

LEONARDO – Espera um corpo de que levas a alma!

DOMÍCIO - Todas de correr cansam, ninfa pura, só tu me negas tua formosura?

COUTO - Quem te disse que eu era quem te sigo?

NICOLAU - Não canses, que me cansas...

NUNO - Se queres fugir-me para eu não tocar-te, mesmo tocando não posso alcançar-te!

CRISPIM - Espera, ninfa, que o amor me fere!

SILVESTRE - Se tu me esperas, nada há mais que eu espere!

Uma a uma as ninfas se rendem à perseguição dos portugueses.

Os véus que as vestem caem com facilidade, as roupas dos homens dão mais trabalho para tirar.

Camões descreve:

“Já não fugia a bela ninfa tanto
 por se dar cara [*fazer de difícil*] ao triste que a seguia,
 como por ir ouvindo o doce canto,
 as namoradas mágoas que dizia.
 Volvendo o rosto já sereno e santo,
 toda banhada em riso e alegria,
 cair se deixa aos pés do vencedor,
 que todo se desfaz em puro amor.
 Ó que famintos beijos na floresta,
 e que mimoso choro que soava!
 Que afagos tão suaves, que ira honesta,
 que em risinhos alegres se tornava!
 O que mais passam na manhã, e na sesta,
 que Vênus com prazeres inflamava,
 melhor é experimentá-lo que julgá-lo,
 mas julgue-o quem não pode experimentá-lo.”

Uma poética e sensual orgia num cenário paradisíaco.

Ao fim do amor, ninfas e marinheiros servem-se de comidas e bebidas, frutas e vinhos.

Em coro, cantam, suavemente.

TÉTIS - (*canta*)

Faz-vos mercê, lusos,
 a Sapiência Suprema
 de, cos olhos corporais,
 verdes o que não pode a vã ciência
 dos errados e míseros mortais.

EFIRE - Aqui damos um retrato do mundo
 aos olhos vossos para que vejais
 por onde ides
 e ireis
 e o que desejais.

TÉTIS - Vês aqui a grande máquina do Mundo,
 etérea e elemental, que fabricada
 assim foi do saber, alto e profundo,
 que é sem princípio e meta limitada.
 Quem cerca em derredor este rotundo

globo e sua superfície tão limada,
é Deus.

Mas o que é Deus,
ninguém o entende,
que a tanto o engenho humano não se estende.

CORO - Mas o que é Deus,
ninguém o entende,
que a tanto o engenho humano não se estende.

NISE - Bem como quis o Padre omnipotente,
que o fogo fez
e o ar,
o vento
e neve,
que bem sabeis que jazem mais a dentro
e tem co Mar a Terra por seu centro.

CORO - (*cantando suavemente*)
Sofala Guardafú
Toro Suaquém
Arquico Ádem
Arábia Dofar
Pérsia Armuza
Ormuz Gerum Barém
Cambaia Ulcinda e Madagascar
Comori Pegu
Távai Catigão
Tenassari Samatra
Láos Quedá
China Camboja
Tidore e Sião
Maldiva Banda
Narsinga Orixá
Ternate Bornéu
Timor e Ceilão

NERINE - (*cantando por cima do coro*)
Neste centro

- EFIRE - Pousada dos humanos
- NERINE - Que não somente,
ousados,
se contentam de sofrerem da terra firme os danos,
mas inda o mar instável experimentam
- NISE - Vereis as várias partes
que os insanos mares dividem.
- EFIRE - Várias nações que mandam vários reis.
- NERINE - Vários costumes seus e várias leis.
- NISE - Cidades outras mil,
ireis passando,
vós outros que aqui se estão guardando.
- TÉTIS - Por este mar a gente Lusitana,
que com armas virá depois de ti,
terá vitórias,
- EFIRE - terras
- NISE - e cidades,
- NERINE - nas quais hão-de viver muitas idades.
- TÉTIS - Até aqui,
portugueses,
concedido vos é saberdes os futuros feitos
que pelo mar que já deixais sabido
virão fazer varões de fortes peitos.
Agora, pois que tendes aprendido
trabalhos que vos façam ser aceitos
às eternas esposas e fermosas,
que coroas vos tecem gloriosas.
- CORO - Podeis-vos embarcar,
que tendes vento
e mar tranqüilo,
para a pátria amada.

7

A VOLTA

Camões circula entre os casais que se despedem apaixonadamente.

Ao se afastarem os homens, as ninfas todas pousam a mão direita na barriga, num gesto sutil que, ao ser feito por todas, comunique inconscientemente à platéia que estão grávidas de portugueses, como Vênus queria.

Os homens todos embarcam na nau, à frente Vasco, Paulo e Nicolau.

Camões fica entre as ninfas na praia, olhando a partida.

CAMÕES - Tendes vento,
mar tranqüilo,
podeis-vos embarcar
para a pátria amada.

As ninfas saem correndo, rindo, e desaparecem.

Desaparece a ilha dos amores, só Camões fica iluminado por um foco muito estreito.

CAMÕES - *(lento, pausado, entrando em si mesmo, como no princípio)*
Assim foram cortando o mar sereno,
com vento sempre manso e nunca irado,
até que houveram vista
do terreno em que nasceram, sempre desejado.

Camões fecha os olhos, baixa a cabeça e estende o braço num gesto largo à frente.

A luz se expande a partir dele.

Explode a música, viva, melódica, animada.

O porto está cheio de marinheiros, operários, vendedores ambulantes, soldados, sacerdotes, carregadores, mães com filhos, com trouxas, com cestos grandes, crianças, jovens, velhos, a vida.

Uma canção, ainda sem palavras, brota dessa atividade: o povo canta.

A caravela avança lentamente, Vasco à proa, altivo, heróico.

CORO - Olhai que ledos vão,
por várias vias,
quais rompentes leões

e bravos touros,
 os corpos deram a fomes e vigias,
 a ferro,
 a fogo,
 a setas e pelouros,
 a quentes regiões,
 a plagas frias,
 a golpes de idólatra e de mouros,
 a perigos incógnitos do mundo,
 a naufrágios,
 a peixes,
 ao profundo.

A caravela continua avançando.

Ela é o foco de todo o movimento: de cima dela os marinheiros jogam trouxas de pano, recebidas por familiares e amigos no chão, jovens saltam para fora, abraçam irmãs, mães, esposas.

Todos circulam em volta do Poeta Camões, invisível, ou não notado.

Ao longo de toda a cena, Camões vai se elevando do chão, suspenso por cabos invisíveis.

A caravela continua se deslocando.

Uma mulher corre até ela. É Leanor Vaz, mãe de Couto.

Ela procura entre os homens, aflita, e por fim enxerga o filho.

Aperta-o nos braços.

Couto protesta, os amigos brincam com ele.

Couto se afasta com a mãe que o cobre de beijos.

Outra mulher cruza com eles, correndo para a caravela: é Leda Miranda.

Ela circula, nervosa, em meio aos homens que descem e continuará procurando até que se desmanche a cena, sem encontrar o seu marido.

O Velho do Restelo destaca-se da multidão e avança para a caravela que se aproxima.

Detém-se ao lado de Camões, sem vê-lo.

VELHO - Ó glória de mandar!
 Ó vã cobiça desta vaidade,
 a quem chamamos Fama!
 Ó fraudulento gosto
 que se atija c'uma aura popular

que honra se chama!
 Chamam-te Fama e Glória soberana,
 nomes com quem se o povo néscio engana!
 Essas honras vãs,
 esse ouro puro,
 verdadeiro valor não dão à gente.
 Melhor é merecê-los sem os ter,
 que possuí-los sem os merecer.

Súbito a nau toda se desmantela.

Vasco da Gama, Paulo e Nicolau em cortejo saem de dentro dela, vestidos com luxo e riqueza.

Atrás deles, Pero de Alenquer, Crispim e Silvestre, Gil e Diego seguem levando pequenos baús, bacias de metal com especiarias, tecidos luxuosas, as provas, enfim, da chegada à Índia.

A multidão se imobiliza, a luz cai até penumbra sobre ela.

Num corredor de luz, só o cortejo continua a caminhar, dinâmico, animado.

CAMÕES - *(já um pouco mais remoto, já pairando acima da praça)*

Vasco da Gama, o forte capitão, que a tamanhas empresas se oferece, de soberbo e de ativo coração, a quem Fortuna sempre favorece...

Na extremidade do corredor de luz, entra o rei D. Manuel, seguido por parte da corte, em grande pompa.

Na penumbra, ajoelha-se com fragor toda a multidão que estava imóvel.

D. MANUEL - Os cavaleiros tenho em muita estima,

pois com seu sangue intrépido e fervente

estendem não somente a lei de cima,

mas inda o meu império preminente.

Pois aqueles que a tão remoto clima me vão servir,

com passo diligente,

dois inimigos vencem:

uns, os vivos,

e, o que é mais,

os trabalhos excessivos.

*D. Manuel e os nobres da corte examinam os artigos trazidos por Vasco e os capitães.
Camões continua subindo lentamente.*

CAMÕES - Favorecei-os logo, e alegrai-os
Com a presença e leda humanidade.
De rigorosas leis desalivai-os,
que assim se abre o caminho à santidade.
Os mais experimentados levantai-os,
se, com a experiência, têm bondade para vosso conselho,
pois que sabem
o como,
o quando,
e onde as cousas cabem.
(sacode a cabeça impaciente consigo mesmo)
Mas eu quê falo,
humilde,
baixo e rudo,
de vós não conhecido nem sonhado?
Da boca dos pequenos sei, contudo,
que o louvor sai às vezes acabado.
(mais remoto)
Nem me falta na vida honesto estudo,
com longa experiência misturado,
nem engenho,
que aqui vereis presente,
coisas que juntas se acham raramente.

Lentamente, a luz vai se apagando sobre a praça.

Lentamente, Camões vai fechando os olhos e vira o rosto para o céu, sempre subindo.

CAMÕES - *(suplica)*
Não mais, Musa, não mais,
que a lira tenho destemperada
e a voz enrouquecida,
e não do canto,

mas de ver que venho cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho
não no dá a pátria, não,
que está metida no gosto da cobiça e na rudeza
duma austera, apagada e vil tristeza.

*No escuro espaço vazio, um foco muito estreito, vertical, ilumina a figura do Poeta Camões.
Forte, mas alquebrado, o rosto voltado para o alto, os olhos fechados, as roupas rotas de batalhas
da guerra e da vida manchadas de poeira.*

CAMÕES - Para servir-vos,
braço às armas feito,
para cantar-vos,
mente às Musas dada.
Só me falece ser a vós aceito,
de quem virtude deve ser prezada.

*Subitamente, explode um forte coro masculino cantando sem palavras a mesma melodia do
princípio.*

Camões sobe pelo brilhante foco de luz até o céu.

Black out.

FIM

São Paulo, dezembro de 2000/janeiro de 2001